



OFICINA DA PALAVRA PUBLICAÇÕES

cynthia@ofpalavra.com.br

+55 (48) 9 8481-0843

Instagram: @oficina_da_palavra

www.ofpalavra.com.br

REVISTA TEXTURAS Nº 7

**DIREÇÃO DE ARTE, PROJETO
GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:**

Ítalo Mendonça (www.italomen.com.br)

EDIÇÃO E REVISÃO GERAL:

Cyntia de Oliveira e Silva

IMAGEM DA CAPA:

‘Trincheira poética 1’
fotografia de Cyntia Silva, com edição
digital de Ítalo Mendonça, 2022.

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.7(jul. 2022) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2022. 92 f.: il
“Vários colaboradores”

Semestral

Publicada também como Revista Eletrônica no *site* da Oficina da Palavra
(www.ofpalavra.com.br).

1. Literatura - Periódico. 2. Conto e crônica. 3. Poesia. 4. Fotografia. 5.Arte.

Sumário

04 · Editorial · *Cyntia Silva*

CRÔNICAS & CONTOS

08 · Pega ladrão · *Marcelo Labes*

12 · Itinerário · *Vitória Noronha*

20 · Os homens sem plumas; O instante antes da queda · *Mauro Iasi*

24 · Eu não sou pacifista; Coisa de criança · *Paulino Júnior*

POEMAS & FORMAS LIVRES

30 · Cheiro de mofo; [pós] Moderna-idade · *Cyntia Silva*

34 · Perdas e danos e outros poemas · *André Berté*

36 · Teu nome e outros poemas · *Robson Ceron*

40 · Guerra de classes · *Jhonatan Carraro*

44 · Noturno n.4 · *Clarissa Macedo*

46 · Da fome · *Flávia Aline*

48 · Necropolítica · *Amém Ore*

50 · A mulher, a cidade, a culpa e o sistema: remix · *Elias Enrique*

54 · Comandante da alegria; Os castigos do dia · *Ricardo Velho*

58 · Nobre plebeu (Barão de Itararé) · *Rafael Hagermeyer*

62 · Dois cavalos; Quintais do Império · *Gilberto Tadeu Nable*

66 · S.O.S. · *Virgínia Squizani Rodrigues*

68 · Os homens ásperos... · *Dagmar Braga*

70 · “Ouviram do Ipiranga...” · *Nívea Sabino*

72 · Desmemória e outros poemas · *Jéferson Dantas*

76 · Senhores da luta e outros poemas · *Carlos Augusto* - “Cacá”

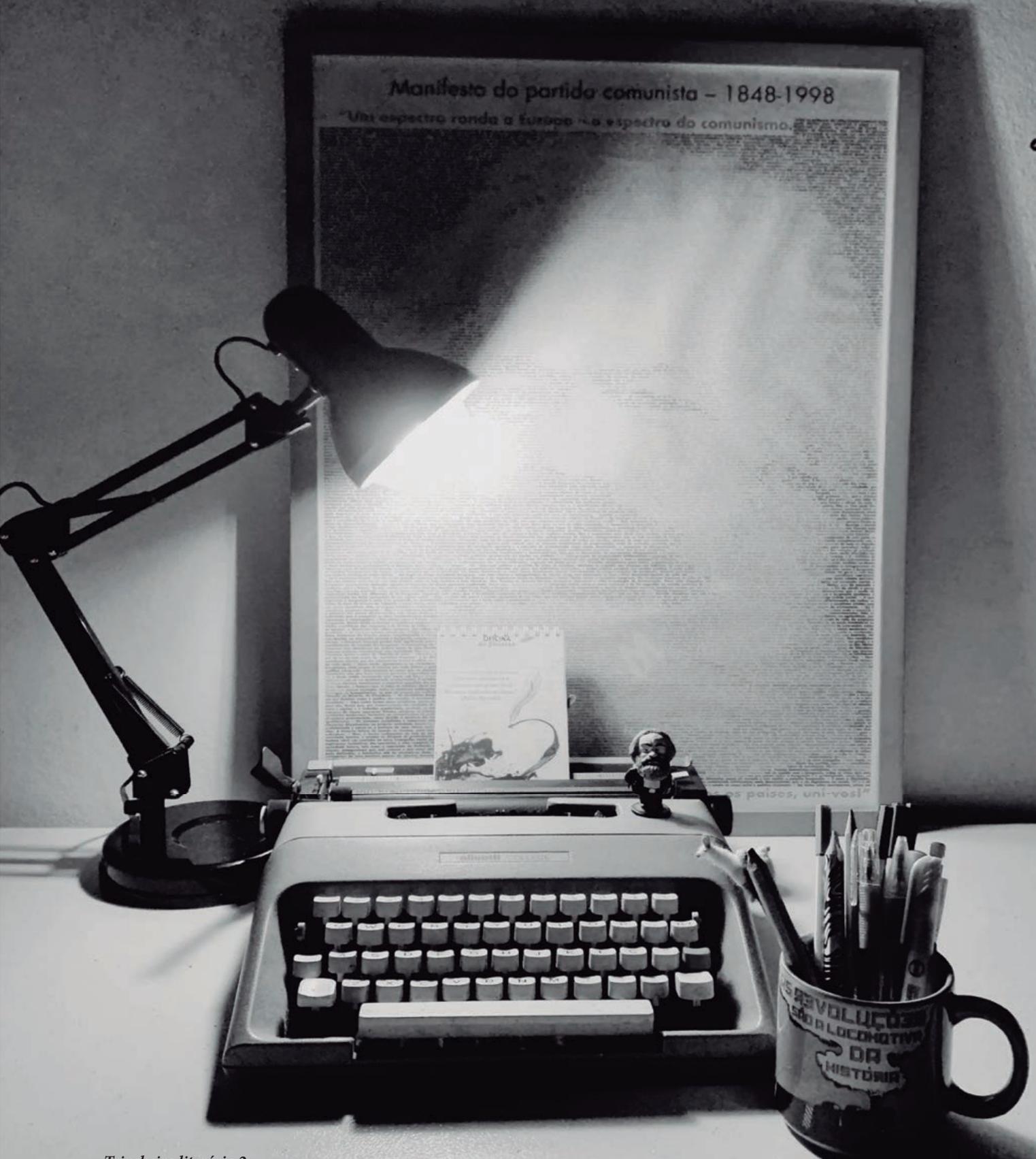
78 · Bandeira Rubra · *José Carlos Mendonça*

80 · Pretas Yabás · *Dandara Manoela*

82 · Mulher de luta · *Ingrid Marrese Lopes*

84 · No espaço sempre · *Mariana Pereira Oliveira*

88 · Créditos Finais



*Trincheira literária 2.
Foto de Cyntia Silva.
Florianópolis-SC - 2022.*

Editorial

LUTA - ARMADA - DE - PALAVRAS .

Texturas 7 é nosso primeiro número com tema especial: textos, desenhos e fotografias compõem esta edição militante. Embora a revolta contra a ordem do capital perpassa os números anteriores, aqui ela é lenta e foco principal.

Em tempos difíceis, a história nos mostra ser a arte a linguagem que mais facilmente expressa ideias e afetos do/no tempo presente em estado bruto. Palavras e traços como denúncia e revolta levantam bandeira e motivam para seguir adiante no caminho da jornada por ruptura e mudança.

Convoquei amigas, amigos e amigas de vários pontos do Brasil a me enviarem sua arte-militante. As diferentes redes de resistência, às quais dedicamos nossa edição anterior, também me fizeram chegar trabalhos de artistas conectados com este propósito. Além de nomes iniciantes e experientes de Florianópolis-SC, temos representantes do Rio Grande do Norte, Brasília-DF, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. São contos, crônicas, poemas, fotografias, desenhos e pinturas dialogando entre si e com outros textos que enxergam no capitalismo a fonte dessas mazelas que travam as possibilidades de a esmagadora maioria da sociedade produzir a vida de forma coletiva, livre e autônoma.

Na seção de crônicas e contos marcam presença: *Marcelo Labes, Vitória Noronha, Mauro Iasi e Paulino Júnior.*

Os poemas e formas livres são de: *Amém-Ore, André Berté, Carlos Augusto-Cacá, Clarissa Macedo, Cyntia Silva, Dagmar Braga, Dandara Manoela, Elias Moreira, Flávia Aline, Gilberto Tadeu Nable, Ingrid Marrese Lopes, Jéferson Dantas, Jhonatan Carraro, José Carlos Mendonça, Mariana Pereira Oliveira, Nívea Sabino, Rafael Hagermeyer, Ricardo Velho, Robson Ceron, Virgínia Rodrigues.*

As ilustrações registram os traços de *Bruno Barbi, Gildson Lima, Acácio Alves Pinto Junior (Cacinho), Joana Calado e Jason de Lima e Silva.* As fotos são de *Cyntia Silva, Ingrid Marrese Lopes e Mariana Pereira Oliveira.*

Desta vez a festa de lançamento foi acolhida pelo *Espaço Cultural Wagner Segura.* É uma escola de música que promove a cultura em suas várias expressões em Florianópolis e é conduzida por *Wagner Segura e Ana Cláudia de Oliveira,* com os quais nos enredamos de imediato. A eles meu agradecimento especial.

Que a leitura nos inspire a seguir na luta, pois os desafios são enormes.

Cyntia Silva, inverno de 2022.

Crônicas & Contos

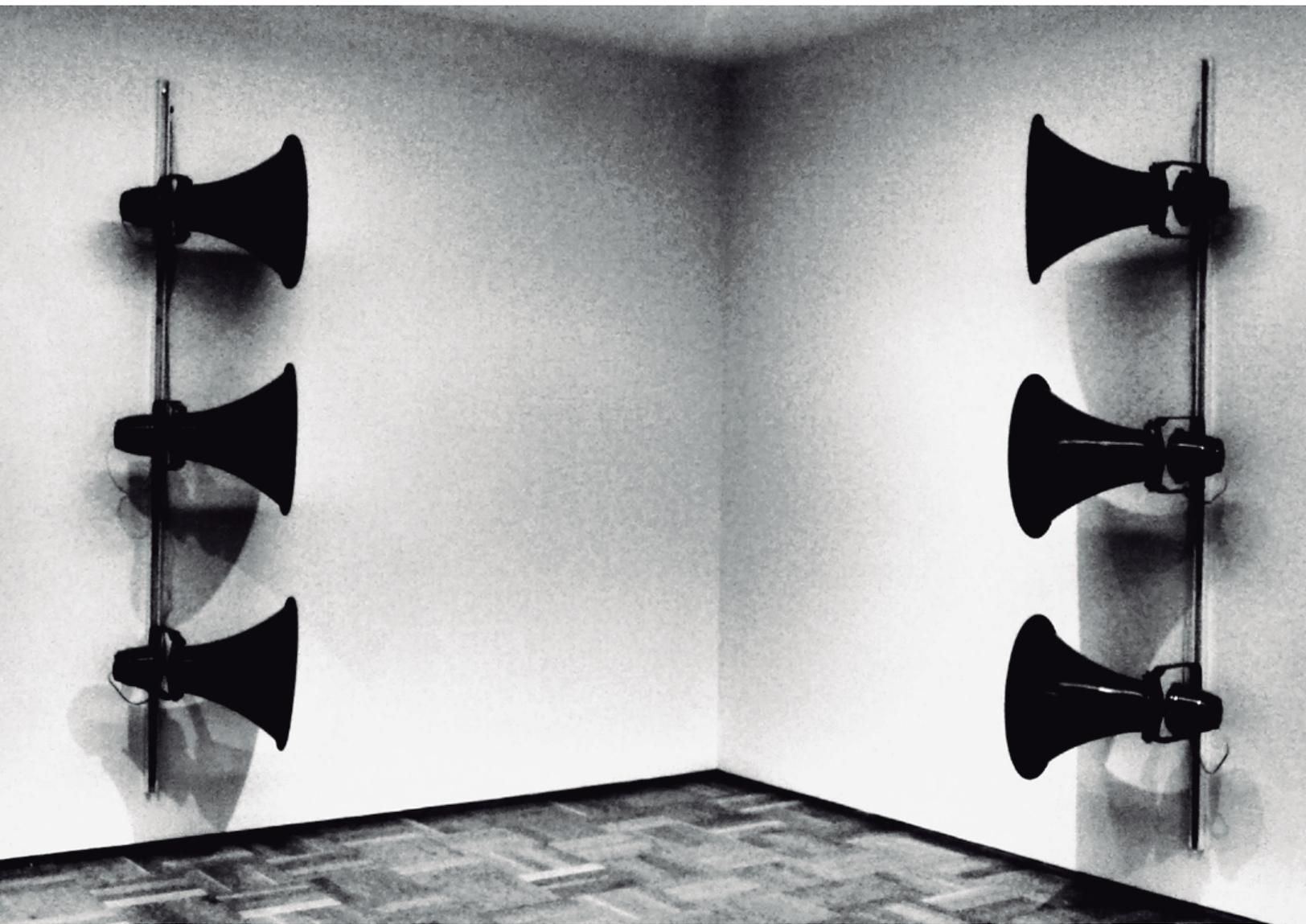


Foto de *Cyntia Silva*, Chicago-EUA, 2019 *Todos querem falar. Ninguém quer ouvir*.
Registro de visita à exposição “So much i want to say”, da videoartista libanesa
Mona Hatoum, no Museu de Arte Moderna de Chicago.

Pega ladrão

CLARA LIGOU. Não ligou: na verdade, mandou um áudio pelo celular que dava pra ver nos minutos que era coisa grande. Clara e eu não falamos sobre muitas coisas porque não nos conhecemos muito bem, mas trocamos áudios sobre a minha vida amorosa, nossos remédios e nossos transtornos afetivos e de humor, nossas pequenas mazelas humanas. Clara mora no Rio de Janeiro.

Ela e seu marido tinham ido tomar vacina. Tudo bem, não fossem os meses todos de isolamento e o mundo, esse monstro, espreitando gente destreinada para lidar com seus dentes afiados e enormes. Local da vacinação: palácio do Catete, no Flamengo. Ali em cima, Vargas deu o tiro no peito. O pijama está lá, perfurado, e a entrada é gratuita. Era, quando se podia entrar. No dia em que Clara foi com o marido tomar vacina, os museus estavam todos fechados. Tudo ainda estava fechado.

Na fila, ela e o marido olhavam adiante, à espera de sua vez. À frente, um moço ansioso batia o pé e arrastava as mãos fechadas sobre o tecido das calças. Clara reparou porque é neuroatípica, como eu. Fosse outra pessoa, nem teria percebido. Marido ao lado, fila ao longe, rapazinho nervoso à frente, veio de trás o grito:

– PEGA LADRÃO!

Marcelo Labes. (1984 -) É poeta e prosador. Publicou pela Caiaponte Edições os livros *O nome de meu pai*, *Amor de bicho*, *Três porcos* – Prêmio Machado de Assis em 2021 e *Paráízo-Paraguay* – vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2020. *Enclave* (Patuá, 2018) foi finalista do Prêmio Jabuti em 2019 na categoria Poesia.

E a correria consequente: o rapaz corria, bermuda, descalço e descamisado. Atrás dele, dois, três, logo cinco homens. De onde Clara estava deu pra ver a correria, até o rapaz perder o passo logo diante da entrada do museu, ali no primeiro degrau, e começar a gritaria, Que era preto, Que era ladrão, Que era filho da puta, Que iriam amarrá-lo ao poste, Que iriam lhe dar uma lição.

Apanhou de cada um dos cinco, até que mais gente apareceu para bater. Porque se nunca se sabe exatamente o que o sujeito fez, de alguma coisa ele deve ter culpa. O pisoteamento público só parou quando outros homens e outras mulheres apareceram para ver o que acontecia, e viram: tinha um rapaz no chão, sangue na boca, gemendo de dor, dizendo-se trabalhador, dentes a menos na boca.

É então que por um acaso da ordem dos discursos, uma confusão entre pessoas que dialogam, ainda que aos gritos, a questão se tornou a vacina. E um dos homens que apareceu mais tarde gritou, Se não querem se vacinar, vão pro caralho!, que aqui todo mundo vai sair protegido. E como quem põe gasolina num fogo que já quase morria, essa frase fez com que os homens que batiam no rapaz reparassem que ali era um posto de vacinação do Sistema Único de Saúde, vacina gratuita contra a fera pandêmica.

O que se discutiu a seguir, entre gritos, empurrões e até um e outro tapa, não vale a pena reproduzir aqui, porque são discursos correntes e que se emendam: da vacina ao governador, do governador ao presidente, e assim também aos pré-candidatos e pré-candidatas das eleições vindouras. De um e de outro lado, os ânimos se inflamavam como se o tempo tivesse parado. Confusão no lado de dentro do palácio. Clara chorava, espantada pelo reencontro com o mundo; seu marido rezava, forma de encontrar amenidade para a alma quando o entorno é caótico, e o rapazinho estava prestes a perder o controle quando puxou conversa. Não lembro quem puxou conversa. Sei que Clara se acalmou enquanto acalmava o rapazinho nervoso. Logo, foram chamados para debaixo das escadas, onde as técnicas de enfermagem aplicavam as tão aguardadas doses vacinais.

Saíram por uma porta lateral para não se depararem com o descontrole que havia tomado conta da rua do Catete, dedos em riste, gritos de guerra, palavras de ordem, enaltecimento a um e a outro nome. No entanto, nem os de cá, os que perseguiram e bateram no rapaz descalço como os de lá, os que apareceram supostamente para protegê-lo, cruzavam uma linha que, à primeira vista, se diria imaginária, mas não era.

A linha era o rapaz, que continuava caído, as mãos no ventre sentindo o depois das pancadas, as articulações doloridas, a cabeça ralada, os dentes espaçados nas gengivas, o sangue que saía da boca e se encaminhava para o bueiro. Àquela altura, ele já não entendia nada, só esperava uma ambulância, alguém que o tirasse dali para não sobrar um pé sobre ele, que já estava tão debilitado. Enquanto os de um lado gritavam, ensandecidos e babando, MITO!, MITO!, MITO!, em referência ao presidente da república, os do outro, ao sinal de 1, 2, 3 começaram a entoar um emocionado “De pé, famélicos da terra...”, que era mesmo mais sonoro, porque em unísono.

O rapaz, caído, ferido, pensava que ambulância alguma chegaria até ali, tanta gente na rua. Chegou foi a polícia, que o levou preso junto com outros tantos.

Nas viaturas, ainda se podia ouvir MITO!, MITO!, MITO!, enquanto os versos de Neno Vasco iam também se afastando, “Ó, parasitas, deixai o mundo / Ó parasita que te nutres / Do nosso sangue a gotejar...”

Terminei de ouvir o áudio e respondi com um “Clara, vou escrever um conto dessa porra, tá loco, país fodido do cacete”, e ela me respondeu “Bicho, mas foi pra isso que te contei essa história, porra”. ☪



Foto de *Cyntia Silva*, Florianópolis-SC, 2017.

Registro de visita à exposição “*Palavra em Movimento*”, de Arnaldo Antunes, no Centro Integrado de Cultura - CIC.



Flanar.

*Foto de Cyntia Silva.
Santiago-Chile, 2017.*

Vitória Noronha. (1998 -) *Do interior de Minas Gerais para São Paulo, já se arriscou várias vezes junto à família para buscar melhores condições e estudo. Vive em Assis-SP, onde cursa Letras/Espanhol na Universidade Estadual Paulista. Cria contos com foco anticapitalista, além de se arriscar em artes visuais. Pretende pesquisar escritoras da América Latina e priorizar a educação. Contato: vitoria.noronha@unesp.br*

Itinerário

MORREU. E foi uma grande falta de educação. Não devia ter morrido, não nesse horário. Horário de pico. Você consegue entender? Isso gera uma grande bagunça na rua. Não foi no horário da manhã, quando as pessoas estão dormindo em pé, dentro dos ônibus em direção ao trabalho. Dão sinal, fazem a famosa solicitação de parada – mais conhecida como a parada solicitada – e que às vezes ela não funciona, ou não colocam as devidas pressões no botão que foi amassado várias vezes naquela manhã – talvez isso estrague os botões de solicitação, explicação pela qual sempre ouvimos o trabalhador ou a trabalhadora ou a criança gritando com o motorista, fazendo com que ele pare bruscamente e acorde todo mundo. Todo aquele mundo dentro do transporte. Devia realmente existir alguma intermitência da morte, ela devia entrar em greve às vezes, por algumas horas. Mas de forma diferente. Ela devia funcionar em horários específicos, para não atrapalhar ninguém. Já somos atrapalhados e atrapalhamos demais hoje em dia. E é começo de setembro. E o ano é o pior. Mas se ela fizer isso, nós já sabemos o que pode acontecer. Querendo ou não – sempre querendo – as pessoas lucram o tempo todo com a desgraça, ela precisa existir. Quase não dá para respirar normalmente. Não dá. Voltando à parada solicitada, elas funcionam quando dá. As solicitações no geral são demoradas.

Tudo que acontece dentro de um ônibus, é uma vida. Não precisa ser devagar e realmente nunca é, mas tudo que acontece lá fica pra sempre. Nos olhos, na

rotina, na rua. É muito imprevisível. Ver o transporte vomitando gente o tempo todo e assistir todo esse mal estar, é preciso sentar para digerir – nem sempre conseguimos sentar. A parada foi solicitada mas o motorista não percebeu. No final do dia, quem está mais cansado? O automóvel está cansado e eu também. Se falasse, ele diria que estamos fazendo tudo da forma errada.

Eu andava de ônibus um dia, quase chegando em casa e ouvi uma conversa como sempre ouço. Eram adolescentes e geralmente eu não gosto de perder meu tempo ouvindo o que eles dizem, não me importo com isso no momento. O que não gosto muito é da situação que eu vejo toda a noite, das pessoas se arrastando e passando por catracas, gastando um dinheiro que não podem para ter uma vida que não vivem.

Quando um trabalhador perde o seu bilhete de transporte, seu mundo cai! Há muito exagero nisso? Mas dependem de transporte para passar suas horas do dia e não são reféns de um rodízio. A vida acontece e nasce dentro do ônibus, a catraca gira a cada minuto do dia e você precisa se encontrar nos bancos ou nos apoios cheios de germe que o transporte te disponibiliza. O frio acaba quando estamos dentro deles, por causa do calor dos corpos.

Às sete da manhã, dá para ouvir de tudo. Quase perco meu ônibus mais acessível, é aquele sanfonado, um dia foi meu favorito. Nos apertamos e chegamos ao destino. À meia noite, eu consigo descer de um transporte

e observar a fila para pegar o outro. Às vezes não tem nenhuma fila, mas quase sempre ela está lá. Chegando nela, eu encontro um casal com um cachorro no colo, e pelo visto acabaram de adotar o bicho. Antes de entrarmos no ônibus, ou perua – como preferir chamar –, muita coisa aconteceu. Afinal muita coisa acontece em cinco minutos, por que não em trinta? Como eu disse, a fila está grande. Mas estava muito frio e ainda pensava em todo o itinerário para percorrer e só sentia um pouco de tristeza.

Os amigos se encontram na fila, e o ônibus se encontra com os passageiros. E para. Não abre as portas e fica ali. O querido trabalhador cansado e filho de deus, que está trabalhando nesta sexta-feira desde às 13h, provavelmente, causou um grande tumulto por não abrir as portas. O desacordo se inicia. Quem está errado eu não sei, só sei que estou com frio. A moça entrou cuspidando palavras contra o motorista enquanto seu companheiro se mostrava insatisfeito. Mas bastou um erro para que tudo explodisse e virasse uma grande viagem para casa. Eu não sei o porquê de os homens insistirem em ofender as mulheres em qualquer contexto – na verdade, eu sei sim –, então, o motorista insatisfeito vomitou as palavras para a moça insatisfeita de tudo. Onde está deus nessas horas? Eram quase 1h. Dormindo já.

Eu não sei se rio, choro ou durmo. O cachorro só queria dormir também, no meio de todo transtorno. O corredor daquela rua enorme faz parte do meu itinerário, e é onde o moço e seu animal desceram. A companheira ficou dividindo o mesmo espaço com o tal do motorista, mesmo depois de ouvir muita barbaridade. Eu gosto da forma como os trabalhadores se entendem nessas situações. O menino desceu com sangue nos olhos e o cachorro nas mãos, nos prometendo um reencontro com esse homem que ofendeu sua parceira. E está errado? Tem tudo de errado no itinerário.

Estão aí, as consequências. Do frio? O homem não abriu a porta para a fila de gente, a moça chamou sua atenção e foi ofendida. A briga causada pelo frio desarmou os trabalhadores cansados e assim sentiram-se aquecidos. Desviem o itinerário e perceberão quem está errado.

Então, é difícil saber até que ponto é aceitável se sensibilizar com a morte. Até que ponto? Até que parada? Ela te afeta? Se não afeta, as pessoas pensam que não é culpa delas. “Morreu, ora. Todo mundo morre. Poderia ser evitada naquele momento? Sim, mas não foi. Fazer o que? Não é minha culpa e tudo se resume em culpa, então estou fora disso. Sinto muito.” E dessa forma, todo o problema se resumiu em algum culpado. Em individualidades. Mas morreu e ninguém vai desfazer isso. Talvez se fosse dentro de uma peça, uma novela, um livro ou uma música, poderia ter um final inesperado, daqueles que só acontecem numa peça, novela, livro ou música. Mas não aconteceu. As pessoas morrem de verdade. Param de existir. Estou pensando nesse exato momento em mortes que poderiam ter sido evitadas. E outras que poderiam evitar. Olho para esquerda e direita, olho para frente e para trás, só morte. E vou dizer algo que pode assustar, mas elas afetam a vida de todo mundo. Se não afetou diretamente, vai afetar indiretamente, ou se não afetou direta e nem indiretamente ainda, vai afetar. Ou quem vai morrer é você mesmo. Porque se não afetou, você deve ser uma criança ou ainda está na barriga da mãe. Que sorte. A sorte só existe pra você nesses momentos. Pena que não tem consciência para aproveitar. Existem aquelas que não podem ser evitadas. Às vezes você já está esperando por elas. Às vezes não. Ainda que saibamos que a morte existe e ela pode estar na sua vida a qualquer momento. Ninguém espera por ela.

Existe esse motorista de ônibus. Ele está ali todos os dias. Não sei o nome, não sei se gosta de comer carne, muito menos sei se ele gosta de churrasco. Deve

gostar de cerveja. Talvez goste mais de pinga. Não sei se agride a mulher – espero que não –, não sei nem ao menos se tem uma mulher, ou apenas dois filhos. Não faço ideia do que ele vai almoçar hoje. Ou se vai esquentar seu almoço. Talvez nem tenha um almoço para comer neste dia de meio de semana de setembro. Será que é fumante? Viciado em café? É algo que eu consigo pensar todos os dias que eu pego aquele ônibus – na maioria das vezes com bancos vazios – e digo isso ou aquilo e agradeço a parada, passo a catraca e sento nas janelas. Ele é quieto. Talvez só passe essa impressão. Quanta discórdia esse motorista já causou, sem querer? Se ele não abriu a porta naquela noite fria, talvez ele tivesse um motivo. Demorou um pouco para abrir, mas abriu. Abrigou aquele casal e aquele cachorro, deu aquela carona que não devia. Ninguém compreende o estresse do motorista. Todos nós achamos ruim quando ele não responde nosso “bom dia”, mas na verdade é compreensível, já que o dia dele está sendo um inferno logo às oito horas da manhã. E ainda tem a casa dele, que deve estar um inferno também – ou não – mas nunca dá para saber, porque ele é só o nosso motorista. Ele nem é nosso, na verdade. Ele não é de ninguém. Ele só é do itinerário. E do ônibus. E do seu salário.

Deve ser um inferno fazer o mesmo caminho por várias horas e ter que lidar com muitas pessoas diferentes durante o dia. E deve ser pior ainda encontrar as mesmas pessoas desconhecidas, nos mesmos pontos de paradas, saber o que vão dizer e saber onde vão descer. Outro inferno, também, se teve alguma discussão com a mulher – que talvez nem exista – ele acorda cedo, toma o café – talvez ele seja viciado – e sai para chegar à famosa “garagem” onde o seu querido ônibus-psicólogo está estacionado. Eu penso que deve ser terapêutico ser motorista de ônibus porque ele é obrigado a estar sentado lá durante um período muito longo e deve ter um pouco de amor pela máquina, além de que esse motorista de ônibus não tem

nada de diferente dos outros, porque deve ouvir muita coisa boa e muita barbaridade também. Está exposto o dia todo. Eu tenho amor pela máquina que me leva ao infeliz destino que tenho que chegar todos os dias. Mas a máquina não tem culpa e ela nem sabe que não tem culpa. Na verdade ela não sabe nem o significado dessa palavra. Porque ela não sabe de absolutamente nada. Quem sabe, de fato, é o motorista. E com isso eu acabo de concluir que ele é seu próprio psicólogo – se ele já não faz terapia –, então ele é o motorista-psicólogo. Quando ele morrer, vai fazer muita falta. Então é o homem motorista que controla a máquina, a máquina é inútil sem ele ali, passando estresse e dirigindo ao mesmo tempo. E abrindo a porta, fechando, abrindo, ignorando o bom dia, boa tarde e boa noite. Eu não sei se ele pode ouvir músicas. Acredito que não, porque atrapalha. E ele carrega muitas vidas o dia todo. Quanta responsabilidade! Quem carrega a vida dele? Ele mesmo, ora. Se ele é seu próprio psicólogo, tem que carregar a própria vida. É o trabalho dele. Afinal ele está, literalmente, carregando a própria vida. Já que ele fica sentado o tempo todo e só precisa dirigir. É só isso que ele faz, mas deve doer muito seus ombros e nádegas. Não parece ser nada de tão especial, tirando o fato de que ele carrega muitas vidas além da própria e que, querendo ou não, acaba se responsabilizando por aquelas vidas ruins, indiretamente. Olha só, indiretamente. Responsável pelas vidas.

Mas e se acontecer algo inesperado? Acho que deve existir um protocolo para isso. Fica com seu telefone ao volante. Talvez, muito errado. No bolso? Provável. Um dia atendeu uma ligação. Eu odeio atender ligações, minha mãe e eu sempre brigamos por conta disso porque, segundo ela, pode ser urgente e na verdade eu nunca esperei uma ligação urgente. Quem espera? Mas – fique atento, vou assustar você novamente – as ligações geralmente tem uma exclusividade: emergências. Pois, hoje em dia com tantos aplicativos e celulares que cabem dentro do nosso ouvido – os

celulares mesmo, porque os aplicativos estão dentro dos celulares – ainda precisamos atender ligações. E numa dessas, seu celular vibra e continua vibrando e você se assusta e tira ele do bolso – porque ele fica escondido lá o tempo todo, ele até cabe no seu ouvido, não é? – então, você olha quem está te ligando. Às vezes se surpreende, às vezes não. Critério de cada um. Com isso, cada um decide se deve atender a ligação ou não. Depende de um milhão de coisas. Sim. Depende de quem é o dono do celular, depende de quem está ligando, o porquê está ligando. O dia, horário. Depende da idade de quem recebe a ligação e da idade de quem está ligando. O assunto é um dos principais fatores. A interação entre essas duas pessoas depende também. Elas interagem muito? Pouco? Ou quase não interagem? Elas já se falaram alguma vez? Qual a importância dessa ligação? Bom, como eu disse, são muitos fatores e obviamente não vou colocar um milhão deles aqui, porque eu perderia muito tempo, porque você não está interessado e principalmente, não existem tantos fatores assim, eu só exagerei um pouco. Como eu ia dizendo, o motorista recebeu uma ligação. Sentiu vibrar e estava no trânsito. Deram sinal – para entrar – e parou. Entrou a pessoa que deu sinal. Veio outra correndo e ele esperou, como sempre faz. Eu sempre percebi isso, porque alguns motoristas não esperam a gente, mesmo que estejamos muito desesperados e corramos muito para alcançar. Alguns nos olham pelo retrovisor, vendo nossas pernas implorando pelo amor do transporte público, me espere chegar, mas alguns simplesmente não o fazem. Muitas pessoas não sabem disso, mas o motorista tem um limite estabelecido para esperar ou não um passageiro, dependendo da distância que a pessoa e a máquina estejam do ponto de ônibus. Alguns não fazem isso, mesmo que o limite esteja sendo estabelecido. Alguns fazem até quando o limite foi quebrado. Mas esse homem especificamente, ele espera todos os passageiros. Nunca vi ele ignorando as pernas daquelas pessoas desesperadas. Quando fechou a porta, o celular

já tinha parado de vibrar. Esqueceu. Horário de trabalho. E o que ele precisa fazer não é tão difícil, mas também não é simples. O trabalho das pessoas que precisam muito de dinheiro, no geral, não é simples. É um trabalho. Ligou a máquina novamente. Estava começando a encher de pessoas. O céu estava muito lindo. O Sol indo dormir, cedo. Igual a mim, durmo muito cedo também. O Sol trabalha bastante, não é? Mas ele não precisa de dinheiro. Que sorte. A mesma sorte da criança na barriguinha. Enfim, o Sol. Sono. Máquina e psicólogo. O celular tocou de novo, agora ele estava chegando em um semáforo fechado perto de uma estação de metrô que eu passo todo diabo de dia. Todo santo dia, dependendo da minha vontade. Mas são todos. Aliás, os domingos não. Mas domingo não conta, porque nem dia é. É café com leite. Caso não saiba o que é algo “café e leite”, posso explicar rapidamente que é algo sem importância. E acho que isso nunca teve muito sentido, porque eu gosto muito de café com leite. Mas gosto mais de café do que leite. Mas é isso, domingo sem importância. Essa parada no semáforo não era domingo, era o meio. Parou e atendeu. O sinal estava fechado para nós todos. Falando ao telefone com atenção e tranquilidade. Eu não faço ideia do que é. Não é da minha conta. Era alguma coisa. Perdeu alguns minutos ao telefone. O sinal abriu. Passaram alguns segundos e desligou depois de se assustar com uma buzina. Seu rosto não tinha nada de diferente. Ele sempre foi sério, mas educado. O telefone não tocou mais, devia ser algo sem importância, igual ao domingo.

Depois de alguns trinta minutos eu descii. Tchau máquina, muito bom ver vocês, de novo, no mesmo ponto, com a mesma cobradora e motorista, me deixar no mesmo ponto de destino quase nos mesmos horários de sempre, com diferenças de alguns minutos e só. Eu adoro pontualidade, sou bem pontual, aliás. Isso deve ser uma falha, talvez. É complicado ter que seguir os números o tempo todo e os deixar controlarem a

gente. Ora, é preciso ter controle para não fazer bagunça. Muito bom chegar em casa, depois de um dia do diabo – não foi um dia santo dessa vez. Chego em casa e, é isso. Que horas será que o motorista chegou? Será que está com muita fome? Eu espero que não. Também espero que não tenha se estressado muito e espero que tenha chegado em casa em segurança. E caso não tenha chegado, espero que não tenha problemas para chegar. Porque amanhã vou vê-lo novamente. E depois também e assim segue o itinerário por várias vezes.

Acordamos no outro dia. Outro dia horrível, mas razoável. Razoavelmente corrido. Peguei o meu querido ônibus, vi a máquina chegando até mim e estendi meu braço como quem pede colo. Parou, abriu a porta. Não era o mesmo motorista. Não era, porque só vejo o motorista que atendeu a ligação quando o meu dia acaba e eu encontro ele e a máquina no ponto de ônibus de volta para minha casa. Por incrível que pareça, eu faço um caminho totalmente diferente quando saio de casa. Então, eu saio e fico observando minha rua, para quando meu ônibus apontar no início da esquina, eu descer até o ponto de embarque, mas descer de uma forma que não seja desesperada, uma forma que não pareça que estou muito atrasada nem muito entusiasmada com a vinda dele. Eu sei pouco sobre o itinerário e queria muito poder um dia, completar o caminho de algum ônibus que eu pego. Com isso, estendo meu braço novamente, às oito horas da manhã, bocejo, subo os três degraus e vou. Chegando à metade do destino, eu pego aquela outra máquina mais rápida e subterrânea, também muito eficiente. Encontro guardas sonolentos – alguns mais que outros – e vendedores desesperados. Sonolentos porque o que fazem ali é muito inútil, em questões de resolução do problema. E desesperados por conta do sono dos guardas e dos seus pés seguindo um mesmo som e caminho atrás de cada vagão. Passando por eles, desço depois de quatro estações frias cheias de ar condicionado, assim eu

finalmente chego ao destino final e perco mais um dia como todos os outros no vagão em que eu estava.

Não sabia o porquê de trocaram o motorista. Justamente quando pensei que ele era protegido e chegava em casa com segurança, ele não estava ali. Era folga, talvez. Nós nunca pensamos nessa questão, porque algumas pessoas em que esbarramos todos os dias têm suas folgas nos finais de semana, outras folgam nos meios dos dias, um dia fixo e com isso não sabemos controlar. Outras não ficam de folga em dia fixo, mas sim dias misturados, o que faz com que nos confundamos mais ainda. Se não era sua folga, podia ser um atestado. Estava vivo? Vou descobrir. Não como uma pessoa curiosa que não tem uma vida para cuidar, mas que indiretamente cuida de outras vidas que não pediram o meu cuidado. Não queria descobrir a razão, a causa ou a circunstância por trás da falta, apenas por saber, ou só para preencher meu dia cheio de nada. Queria descobrir porque talvez ele deva ter se tornado uma máquina da máquina e eu tenho muito medo que isso aconteça com os homens e isso acontece muito. Agora, aliás, está acontecendo e daqui a uma hora vai continuar a acontecer. Sim, estava vivo. Não era folga. Mas acabou tirando o dia. A ligação causou problemas indiretamente aos passageiros? A mim e a alguns outros. Mas não todos. Sua filha, do total de dois, havia morrido. Não sei como, nem onde. E eu estava pensando tanto em morte no dia anterior, antes da ligação. Ele deve ter acordado muito triste antes de receber a ligação no dia anterior, ou pode ter acordado muito feliz. São grandes as ações que acontecem em vinte e quatro horas antes da ligação. Antes de cumprir o itinerário.

Não sei qual foi o horário da morte. Ele também não sabe, talvez. Não tenho intimidade com os homens que controlam a máquina de transporte. Devíamos ter. Você deve estar se perguntando como eu descobri isso, se perguntando se eu não tenho nada melhor para fazer no meu dia – eu realmente não devo ter

– já que fico atenta às situações desgraçadas que acontecem no mundo. Ninguém espera por desgraça, ela que nos encontra no meio do caminho e nos assusta como quem, de fato, não tem nada melhor para fazer. E quando ninguém se surpreende com ela, as outras pessoas pensam que a desgraça já foi esperada porque não assustou. Mas o fato é que ela não consegue mais surpreender e assustar.

Ele só recebeu a ligação. Recebeu a ligação sobre a morte de sua filha, no meio do trânsito, cuidando de outras vidas. E assim, cheguei em segurança novamente. E fico pensando se ela estava de ônibus, se esperava por aquilo – talvez um acidente – ou talvez o motorista já esperasse pela notícia e por isso era tão sério e às vezes mal humorado. Cheguei como quem deixa a própria vida nas mãos de outras pessoas, de forma inconsciente. Cheguei segura assim como todos – ou a maioria – que estavam na mesma máquina que eu. Graças ao homem que conduz a máquina. Graças a todos os homens que conduzem as máquinas. Talvez algumas pessoas que estivessem no mesmo transporte que eu, estejam tristes em chegar em casa, porque não é sempre que isso é bom. E vão passar semanas e anos, ele vai continuar sendo assim. Talvez não continue, mas ele só tem um filho agora. Seus domingos serão como café com leite melado de açúcar, de tão ruim. E o pedaço do seu coração que foi embora com a morte que não esperamos e não sabemos o ponto em que devemos nos sensibilizar, aquele pedaço era muito importante para não deixar o café com leite do motorista ser tão doce mas ao invés disso, ser bem forte. Acredito que agora seja mais fácil para ele se tornar uma máquina, mas talvez ele ainda tenha algo a perder, o que impede que seja cem por cento fácil de deixar de ser homem e motorista. Acho que quando não tem mais sentido existir e nem tentar salvar algo, é quando estamos mais suscetíveis a nascer de novo como máquinas, mas graças a alguma coisa, nós ainda temos cérebro e temos em grande parte a consciência

de viver a infelicidade, o inferno, a desgraça e a tristeza. Sentir a dor e passar por ela, às vezes não deixando ninguém notar porque isso pode causar um erro de percurso e um erro no itinerário. Embora eu já tenha visto algumas vezes e no mesmo local, um motorista desviar seu próprio itinerário para cortar caminho. O que pode acontecer se a gente cortar caminho? Não dá pra saber, depende do caminho, depende principalmente se ele é real ou se está só na nossa cabeça. Mas nesse caso que eu mencionei agora, o motorista cortou um caminho e fez com que eu chegasse em casa mais cedo e adiantada – ainda que sejam apenas três minutos – mas pode ser que, na maioria das vezes, cortar seja uma ótima opção. A morte não me atingiu diretamente, dessa vez. Mas atingiu a ele. O simples motorista do ônibus, que segue aquele itinerário específico e cuida da própria vida e de milhares de outras vidas, todos os dias. Mas me atingiu indiretamente, porque eu não conheço o motorista, só conheço a máquina, não faço ideia de como ela é conduzida também, eu só sei que o homem tem que conduzi-la e ao mesmo tempo pensar nas vidas que ele está carregando. Nunca mais encontrei o motorista e não sei o que ele faz hoje. Se está vivo, se sua dor está menor – não acho que isso seja possível – mas gostaria de saber se ele está almoçando todos os dias. Eu não sei o que é mais difícil nessa situação: perder o ônibus quando se está quase chegando no ponto ou não saber o que acontece na vida de pessoas que encontramos todos os dias mas não sabemos nada além da máquina que elas conduzem. Nunca mais o encontrei porque refiz meu itinerário, embora eu amasse aquele. ◀



Abandono.
Foto de Cyntia Silva.
Florianópolis-SC, 2021.



*Ilustração de Mauro Iasi.
Rio de Janeiro - RJ, 2022.*

Os homens sem plumas

*“Entre a paisagem
(fluía)
de homens plantados na lama;
de casas de lama
plantadas em ilhas de lama
coaguladas de lama;
paisagem de anfíbios
de lama e lama”*

João Cabral de Melo neto

ELE ACORDOU BEM CEDO, COMO SEMPRE.

Andou pelas ruas ainda adormecidas como que virado para dentro, absorto em pensamentos desconexos, fragmentários. Seus pés o levavam com a maestria adquirida em anos de prática, desviavam de obstáculos e encontravam o caminho às cegas.

A estação de trem, como sempre, estava lotada. Centenas de pessoas viradas para dentro e perdidas em seus pensamentos. O café no copo de plástico queimou sua boca, salvando-o do gosto abominável da beberagem amarga, muitos outros seriam necessários para arrancá-lo de seu torpor.

Em um instante ele passou pela torrente de pessoas que fluíam como água suja de enchente para dentro dos vagões até encontrar um cano frio de metal onde se encostar. Dormir em pé é uma arte pouco valorizada, a posição firme dos braços junto à barra de metal, os pés que pressentem o movimento e antecipam freadas e arranques, a cabeça que pende e avisa da queda iminente.

E ele sonhou.

Mauro Iasi (1960 -) Nasceu em São Paulo. É professor da UFRJ, educador popular no NEP 13 de Maio e dirigente do PCB. Autor de vários livros sobre o tema da consciência de classe: *O Dilema de Hamlet: o ser e o não ser da consciência* (Viramundo/Boitempo, 2002); *Metamorfoses da Consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. (Expressão Popular, 2006); *Ensaio sobre Consciência e Emancipação* (Expressão Popular, 2007); *Política, Estado e Ideologia na trama conjuntural* (ICP, 2017). Publicou, também, livros de poesia como *Aula de Voo* (CPV, 2000); *Meta Amor Fases* (Expressão Popular, 2011), *As ruas: poemas e reflexões pedestres* (ICP, 2014) e *Outros Tempos* (Mórula, 2017).

Seus pés tocavam a areia quente e o sol da manhã deixava tudo meio amarelo. O mar à sua frente parecia imóvel, mas a areia movia-se como água provocando uma certa vertigem. Ela olhava para ele e dizia sem falar nenhuma palavra que estava feliz. Logo ali pessoas vestidas com calças e vestidos, carregando embrulhos e mochilas faziam fila para entrar no mar e quando as ondas abriam com um apito agudo se viam outras pessoas saindo do mar em um movimento de turba descontrolada. Saíam todos cobertos por uma grossa camada de lama.

O movimento da água lhe provocava uma enorme vontade de ir ao banheiro, mas as portas estavam fechadas ou se abriam para outros cômodos, um quarto desarumado, uma sala antiga com móveis deteriorados, um pátio com crianças correndo. Uma escada com degraus íngremes quase o fez cair. Ele acordou segurando firme no cano do vagão enquanto sua cabeça pendia num movimento violento para frente.

Não haviam praias. Há muito foram interditadas. O céu de um cinza chumbo permanente proibia os raios amarelos da manhã, assim como os tons de magenta e laranja dos entardeceres. Ele não estava feliz, ela não estava mais lá. Ele poderia considerar um bom dia quando conseguia sonhar com ela, carregaria a sensação dela sorrindo por entre os escombros do dia até que a noite engolisse tudo sem piedade.

Ela o iluminava, aquecia seus pés como a areia imaginária, o guiava pela rua desviando de buracos e calçadas assimétricas, segurava seu corpo dormente para que não caísse do sonho de volta naquele vagão lotado. Ela não estava mais lá desde que os oceanos morreram. Ele sempre pensou que ela não quis ficar num mundo sem o barulho das ondas, sem a brisa que vem do mar à noite. Deixou um sorriso para guiá-lo e se foi.

Formara-se uma enorme barreira de plástico e detritos de onde emanava um forte odor de putrefação que afastou todos das áreas costeiras. Uma espécie de mangue, de lama e lixo, tomou conta de tudo e tornou-se o abrigo de uma forma híbrida de vida, uma casta de intocáveis, anfíbios e invisíveis que encontraram um meio de respirar e comer lixo e lama.

Os trens cruzavam velozes longe disto tudo, dentro das cidades de cimento, cercadas por muros sanitários e torres de controle. Diariamente enormes tubulações despejam toneladas de lixo, montanhas de plásticos e detritos para além dos muros da cidade e até as costas onde alimentavam os mangues que cercavam os oceanos assassinados.

Ele foi cuspidado do trem junto com uma enorme malta de semiacordados que buscavam às cegas seu caminho num labirinto ordenado de caminhos pelos quais, surpreendentemente, as pessoas encontravam por onde ir como detritos boiando num rio pastoso e lento.

Caminhavam até fábricas enormes que os engoliam por todo o dia e das quais saíam cortejos de caminhões repletos de produtos de plástico, embalados em plástico dentro de caixas de plástico.

Distante da cidade de cimento e das orlas fétidas do mangue, nas colinas, existiam casas confortáveis, jardins e árvores. Ali foi instalado um sol artificial que aquecia e iluminava as construções e ruas bucólicas. Havia, também, praias artificiais, piscinas que imitavam ondas e essências muito parecidas com o cheiro da maresia. Sistemas de som reproduziam o gorjeio de pássaros e o grasnar de gaivotas há muito extintas.

Desde a última rebelião, os acessos à colina estavam fortemente vigiados e seus moradores raramente saíam de lá e quando o faziam iam pelo ar em luxuosos helicópteros individuais.

Ele estava absorto em seu monótono e repetitivo trabalho enquanto lembrava do sorriso dela quando caminhava para as manifestações com suas companheiras. Ela estava feliz. Ela estava lá quando as tropas de segurança atacaram.

No trem que o levava de volta a sua casa ele não dormia. Olhava pela janela a paisagem de sombras passar velozmente produzindo um balé de luzes no chão do vagão. Alguém encostou nele e lhe passou um folheto amassado. Ele não precisava olhar, sabia do que se tratava. Amanhã na estrada da colina, basta.

Caminhava para casa da mesma forma automática que realizara pela manhã. Voltava como que esvaziado, até mesmo de pensamentos desconexos e fragmentos de sonhos.

Esquentou a embalagem plástica de seu jantar e desmoronou em uma cadeira olhando as paredes enormes dos edifícios que o cercavam. Luzes pálidas denunciavam corpos curvados diante de suas mesas e bandejas de plástico, milhares de homens sozinhos em seus cubículos cinzas como containers empilhados e abandonados num porto à noite.

Ele parou por um segundo diante da lata de lixo onde despejava os restos da imitação de comida e da badeja de plástico. Uma imensa tristeza o acometeu quando baixou a tampa e se arrastou para o quarto e para a insônia que o aguardava.

Elas caminhavam alegres e decididas. Elas não queriam viver em um mundo onde os oceanos estavam sendo assassinados. Quando ela olhou para trás e sorriu, todo o tempo se congelou como numa fotografia, mesmo no momento que as grossas torres de fumaça tomaram conta de tudo e começaram os tiros.

Ela estava lá e estava feliz.

Pegou o folheto amassado em seu bolso. Foi quando se decidiu. Ele não podia aceitar um mundo que assassinava oceanos e sorrisos.

No dia seguinte ele estava lá. Estava feliz e não estava sozinho.

O instante antes da queda

QUANDO estávamos à beira do abismo
Olhando o vazio sem fim da queda iminente,
Demônios e gárgulas do mal profundo
Nos chamavam ao vôo sem volta da morte.

Olhávamos para trás procurando a vida
Os rostos amigos, os abraços, as esperanças
Os passos que construíram caminhos,
As razões e os sentidos da busca.

Assim demos o próximo passo
Nos precipitando no nada.
Não porque não o víamos
Não porque deixássemos de pressenti-lo.

Porque caminhávamos de cabeça erguida
Certos de certezas que não abandonamos.
Porque não podíamos mais recuar
Em direção aos fantasmas do passado.

No momento da queda em direção ao inferno
Sentimos ainda a mão solidária nos confortando
Ouvimos palavras doces e canções fortes
Sentimos, uma vez mais, o chão tremer.

No último momento ainda vimos
Seus rostos velhos e serenos.
E pudemos antever, do outro lado do abismo,
Os jovens dando seus primeiros passos.

Olhavam para nós
Com bondade.

(2016) α



Paulino Júnior. (1979-) Paulista de Presidente Prudente/SP, reside em Florianópolis/SC desde 2005. É um militante do conto e um aventureiro da crônica e da poesia. *Todo maldito santo dia* (2014) é seu livro de estreia, seguido do livro-conto *Bife a cavalo* (2015), *A felicidade dos gafanhotos e outras crônicas* (2018) e *Ópera do Tripalium* (2022). Também atua em outras trincheiras culturais, é membro da comissão de arte e enredo do bloco *Comuna que Pariu/SC* e curador do programa *Palavras Revoltas* para o sarau físico e eletrônico *Quinta Maldita*.

Jason de Lima e Silva. (1975 -)

Nascido em Florianópolis-SC, criado em São José da Terra Firme-SC. Professor de Filosofia do Centro de Ciências da Educação (UFSC). Ensaísta e ilustrador. www.instagram.com/jasondelimaesilva

“No dia que já vem vindo / Que esse mundo vai virar”

(Geraldo Vandré, Aroeira, 1967)

Ilustração de Jason de Lima e Silva, 2022.

Caneta naquim & caneta gel branca.

Eu não sou pacifista

Eu não sou pacifista!
Se eu fosse pacifista
Eu me confundiria
Com um peixe
Que confunde o aquário
Com o oceano.

Daria a outra face
Enquanto meu crânio é esmagado
E acreditaria nas instituições:
Pensaria que um sistema conservador
Não gera uma Justiça conservadora.

Se eu fosse pacifista
Faria a paz dos senhores
Colocaria um sorriso no rosto do dominador
E abaixaria a cabeça diante da prepotência do agressor.

Não!
Eu não sou pacifista
Não posso querer ser pacifista
Eu nunca serei pacifista.

Querem retirar até o nosso direito ao ódio
O sentimento mais legítimo
Contra um inimigo brutal

Mas de pé eu brado:
Eu não sou pacifista!
Se eu fosse pacifista...
Eu não lutaria
Pela vida!

Coisa de criança

“COCA-COLA.” O menino mais alto teve que berrear para que o jogo começasse de uma vez.

“American Airlines.” O segundo, no sentido horário, disse rápido.

“Mc Donald’s.” A menina de óculos mal acabara de falar e o gordinho, que era o próximo, reclamou por ela ter dito o que ele havia pensado. Então jogou os olhos para os pés e foi obrigado a usar o que considerava uma carta na manga: “Nike”.

“General Eletric.” Este menino gostava de bancar o esperto e encarava, desafiador, um por um do círculo.

“Nestlé.” Ouviram num tom sibilante que dificilmente abandonava a voz da loirinha risonha.

Mais um sonoro resmungo e todos se voltaram novamente para o gordinho, que alegou já haver pensado nesse nome para a próxima. Acostumados com o jeito do amigo, não deram bola e prosseguiram.

“Nescafé.” Com jeito de quem estava levando o jogo bastante a sério, a japonesinha fechou a primeira rodada.

“Bic.” O mais alto reiniciou e, todo insolente, gracejou: “Acabei com a supremacia do ‘n’”.

O próximo foi virando a cabeça durante a pronúncia de “Gillette” como se passasse o bastão numa corrida de revezamento.

“Warner Bros”, disse a de óculos e perguntou olhando de lado: “E aí, gordo, pensou nesse também?”.

“Não, quatro-olhos”, respondeu o gordinho, e, cheio de si, soltou: “Playstation”.

O que fazia cara de esperto falou num ar que expressava tédio: “Microsoft”.

Cada letra de “Sony”, na vez da loirinha, saiu acompanhada da inseparável risadinha sem porquê.

Já a japinha foi seca e séria: “Rayovac”.

“Ford”

“Bayer”

“Kodak”

“Shell”

“Phillips”

“IBM”

“Roche”

O círculo começaria a fechar.

“Citibank.” O menino alto já demonstrava ansiedade em concluir o jogo.

As rugas se formaram na testa do segundo antes que dissesse “Walt Disney”.

Ela revirou os olhos por detrás das lentes: “Renault”.

“...” O gordinho se apequenou dentro do silêncio, revelando o constrangimento de não conseguir lembrar um maldito nome. Embora tivesse a consciência de que ainda havia um punhado.

Esta era a graça do jogo. Todos começam crenes na aptidão pessoal para a vitória e dizem para si mesmos “agora é minha vez, vou chegar lá”. Mas aquele lugarzinho no pódio, que traz inscrito o tão almejado numeral ordinal, vai desaparecendo à medida que se aproxima a possibilidade do fracasso, representado por uma amnésia temporária, um equívoco, um minuto além do permitido.

Deram-se conta de que ele estava infringindo uma das regras – não extrapolar o tempo –, e só havia uma sanção para isso: “FORA!”. Gritaram em unísono, batendo palmas e soltando gargalhadas e assobios.

Ele reivindicou mais tempo para pensar, mas os outros só deram um passo à frente e o excluíram do círculo. Calou-se, ciente de que não adiantaria esperar.

“Xerox.” Disse o metido a esperto, encarando o menino alto e a japonesinha como que prevendo os rivais diretos.

Na sequência, a loirinha mais preocupada em rir do que em pensar: “Walt Disney”.

“Já foi! E nós combinamos que não haveria segunda chance.” Apoiado nas regras do jogo, o menino alto deu a deixa. “FORA!” A exclusão foi comemorada inclusive por quem estava de fora.

Seu rosto abandonou os habituais traços de riso quando asseverou para o que fazia cara de esperto: “Se você me chamar de burra, igual da outra vez, vai ver só!”.

“Você está fora.” Foi a vez de ele empregar um sorrisinho no canto dos lábios para dar mais destaque à indelicadeza.

“Mastercard”, falou a última da roda, com expressão sisuda, deixando claro que não tinha tempo a perder.

Preparavam-se para a quinta rodada quando repararam no menino que há pouco se mudara com

a família para o bairro. Uma e outra vez o haviam visto, mas não se dispuseram a fazer qualquer tipo de contato. Agora, conforme o menino se aproximava do círculo, olharam-no com curiosidade indisfarçável. Queriam saber o que era aquele pequeno bastão que carregava e sorvia em curtos intervalos. Mais de perto, puderam ver que se tratava de um líquido amarelo claro congelado em um saco plástico de formato cilíndrico.

Mas o que era aquilo?

O gordinho e a loirinha – com a plenitude do sorriso sem sentido – não resistiram e perguntaram ao mesmo tempo.

“Geladinho de suco de laranja.” Ele respondeu descontraído, levando novamente à boca.

As crianças se olharam e se corresponderam por caretas exageradas. Então o menino alto indagou advertindo: “Lembra que nossos pais disseram para não conversar com estranhos?”.

E como se uma descarga telepática percorresse os membros do círculo, mecanicamente, viraram as costas e um seguiu o outro. ☾

Poemas & Formas Livres



Esqueci a máscara.
Ilustração de Jason de Lima e Silva.
Caneta naquim, 2020.

Cheiro de mofo

Cyntia de Oliveira e Silva. (1966 -) Brasileira, vive em Florianópolis/SC. É professora de Língua Portuguesa, fundadora da *Oficina da Palavra* e editora da *Revista Texturas*. Apaixonada por palavras, busca inspiração na poesia, música, cinema, fotografia e artes *plásticas*.

PAPÉIS ENVELHECIDOS e empoeirados em estantes cinzas
histórias inacabadas de pessoas-números.

cheiro de mofo.
é muita umidade! disseram.

a mulher com venda guarda o portal
finge não ver
sua balança é desigual
sua espada cai sobre o mais fraco
seu martelo é o ponto final da ilusão dos justos.

o cheiro de mofo continua.
exala de capas imperiais
de decisões circulares
de vaidades egocêntricas
de seres [que se creem] excelências-doutores-deuses.

o cheiro de mofo insiste.
sai pelo ouvido
nariz
boca
vem do cérebro.

os limpadores-de-mofo declaram:
agora não tem mais lodo, nem mau-cheiro
não há mais papel
nem estantes
nem gavetas
nem armários
nem ácaros
nem fungos.

bem-vindas as máquinas
os chips
as nuvens
os dados invisíveis
inodoros
insípidos.

o cheiro de mofo persiste.

a nova forma reluzente, automatizada, pós-
moderna, hodierna de organizar-gerenciar as
histórias de pessoas-números

não esconde o cheiro de mofo
que agora se mistura ao cheiro de esgoto.



Dividendos.

Ilustração de Jason de Lima e Silva. 2022.

Caneta naquim & caneta gel branca. Papel casca de ovo.

[pós]-MODERNA-IDADE

O mundo é moderno! bradam capitalistas
não! é pós-moderno! insistem intelectuais
é hodierno! confirmam pedantes
tudo mudou!
o futuro chegou!

Engravatados-que-gastam-mais-do-que-um-salário- mínimo-num-almoço
declaram:
trabalhadores-que-recebem-um-salário-mínimo desejam dez minutos para
engolir suas marmitas enquanto operam máquinas.

tempo é dinheiro!
o tempo mudou!
o corpo mudou!

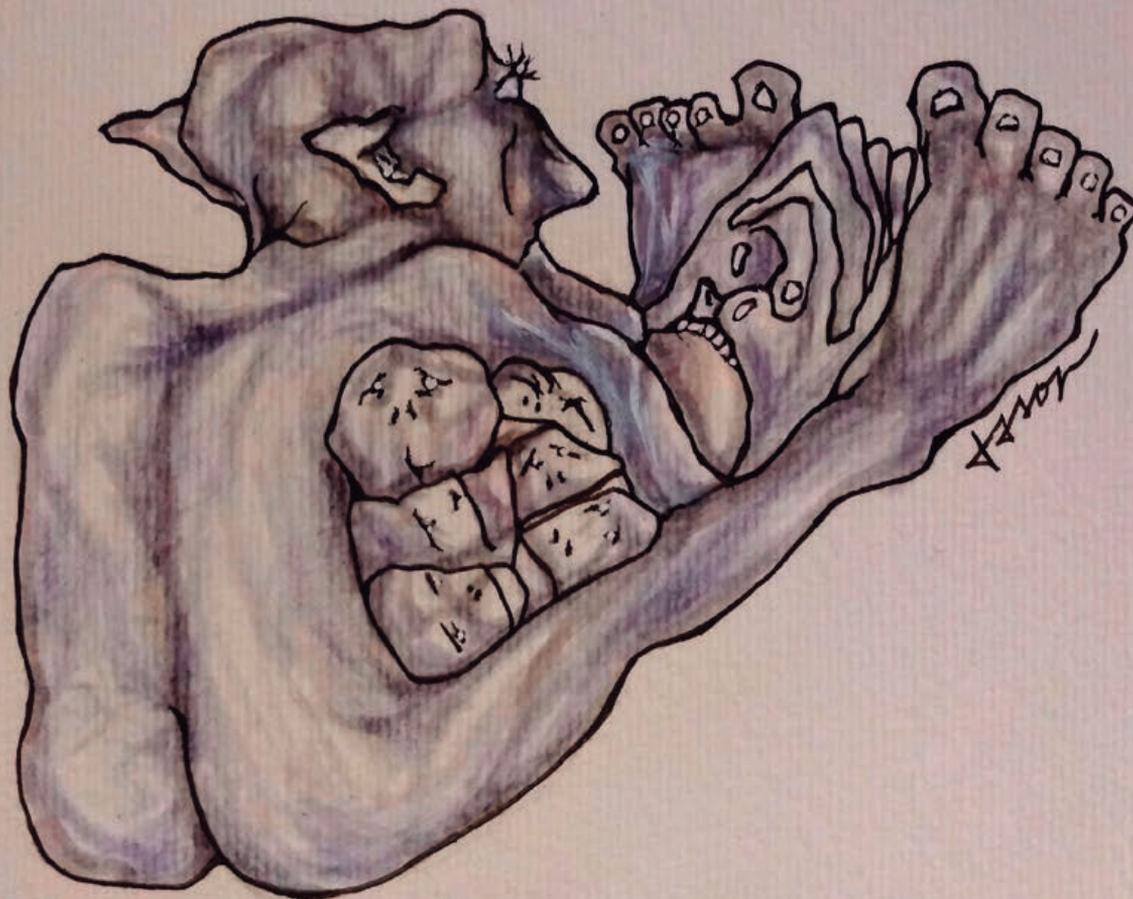
Micro-ondas aquecem comidas congeladas na velocidade da luz
nossos avós não tiveram esse privilégio
dez minutos de almoço é eternidade para quem se alimenta de pílulas.

Férias pra quê?
o ócio é a oficina do diabo
as crianças em casa atormentam
incomodam
querem brincar.

Registro pra quê?
não somos burocratas
queremos liberdade e direito de ir e vir.

Aposentadoria pra quê?
não somos velhos
temos uma vida produtiva e pró-ativa pela frente
com botox, silicone, lipoaspiração e válvula no coração.

Não somos empregados!
somos empreendedores
cuidamos de nossas dores com pílulas de felicidade
aderimos à plataforma que quisermos
nos endividamos com o banco que quisermos
votamos no fantoche que escolhermos
falamos o que quisermos [nas redes]
seguimos para onde nosso g.p.s. apontar
estampamos máscaras de felicidade com filtros sofisticados
somos donos de nossas vidas
escolhemos nossas covas
sem mudar regras, nem mapas
sem romper as estruturas
da [pós]moderna-barbárie. ☾



O patrão.

Ilustração de Jason de Lima e Silva. 2019.

Canetas nanquim e canetas ponta pincel.

André Berté. (1975 -) *É bacharel em Direito e músico. Nasceu em Cascavel/PR (onde residiu somente um ano), e antes de chegar a Desterro, em 1993, viveu em Herval D'Oeste. Lançou seus primeiros trabalhos autorais em 2015: o álbum musical **Bicho-Grilo** e o livro **Pobrefobia**. Iniciou sua trajetória musical aos 12 anos em festivais da canção. Cria com influências da música brasileira e suas composições e letras unem retoques de poema a melodias que gostam de ser assobiadas e buscam naturalmente a atmosfera das percussões. Além de compor, canta e é violonista. Lançará em 2020 o 2º disco e ainda em 2019, o 2º livro de poemas.*

Poemas Perdidos

Culpa de quem?

alguém ditou: amar

escreveram: arma

e o mundo é assim...

S.A

Alguns poucos de sempre
Sequestram sonhos, onde a terra educa
sequestram sonhos, onde falta a cama
sequestram sonhos deixando sobrar cinzas
dor e lama

Perdas e Danos

Nos tiram tanto a cada dia
que nem sei mais
Nos levam tanto da alegria
que nem sei mais
O que + mudarão pra pior?
O que +?

e nós - moldados por passageiros lutos -
seguiremos firmes bancando
os honestos mudos?

Inhame

No brasil
dos soturnos vendilhões e da fome

é inhame
ou deixe-o

☾



E às vezes nem chega!

Ilustração de Jason de Lima e Silva. 2019.

Nanquim.

Robson Ceron. (1970 -)

É advogado, natural de Urussanga/SC. Relaciona-se com a escrita literária, o fazer poético, de diversas formas: prazer, necessidade, sentido de obrigação, etc. Hoje o faz por todas elas e pelas que nascem todo dia.

Relatos não tão dispersos

A IMENSA MASSA que não pode ser eliminada.
Medula do caos que se reproduz sobre escombros e suor.
Sob as forças herdeiras ainda da pré-história.
Tropas leais e alienadas que desfilam em trens lotados,
Lutando quase sem saber pela míngua do suficiente.
Com suas correntes a tilintar sons inaudíveis à pele, estrondoso coração.
Nenhuma presa aos pulsos ou calcanhar. Invisíveis a olho cru.

Pedro foi despedido essa manhã,
Não morrerá, precisa ter filhos.
Passará a trabalho precarizado.

Maria pensou, ficaria bonita
Com o batom do catálogo
Que a vizinha apresentava.

Ivandererson ouviu o apresentador
Dizer de um futuro feliz em um
Tempo que não identificou ao certo.

Vão preocupados com amores do dia-a-dia,
Vão a toques e beijos frios de mercadorias.
Mercadorias que saem de suas mãos
para se tornar uma estranha presença
nas prateleiras, tantas vezes esquivas.
Mercadorias em que eles mesmos
se transformam, enquanto a vida priva.

Maria, Maria, corre aqui Maria,
Teu irmão foi fuzilado lá em cima
Do morro, onde sobrevivia!

Lucas deixou de estudar aos doze anos,
Seu pai fora embora e sua mãe
Precisava de sua ajuda.

Sentado sobre um tijolo na construção,
Edson reclamou que a marmita nova
não segurou a comida quente.

Vão agoniados, as suas feridas doendo o pé.
Vão agoniados, as suas feridas, curativos ainda.
Vão agoniados, as suas feridas corroendo pirâmides.
Vão agoniados, as suas feridas abrindo caminho.
Vão agoniados, as suas feridas acendendo luzes.
Vão agoniados, as suas feridas tornando-os feras.

- João, já ouviste falar em revolução?

Teu nome

PRECISO CONFESSAR, sinto tua falta:
a distância da voz aveludada,
a ausência dos teus lábios de carmim.
Cala tantas palavras, tua lembrança.

Deixaste tempo pleno de esperança,
“imensas extensões de tua ternura”
e em meus olhos, teu “brilho de farol”.
Nossas noites, estrelas de alturas.

Preciso confessar tantas saudades.
Conheci teus enganos e tuas teimas.
Mas, conheci também a tua bondade:
Teu braço estendido aos caídos.

Amores chegaram, novos virão.
Cá eu penso, eu digo, eu repito:
Não passastes em vão, mesmo passaste.
Tua palavra, ouço, ainda ouvirão.

É nosso fruto amor, bardos de fogo,
Talhado em vontades de meninos,
Rememorado em cada novo sol,
E no teu sempre nome, Soviética!

Homo proletarius

ELE NÃO LEVA PROVISÕES,

Tem feijão e arroz
Até o próximo pagamento.

Ele não leva profissões,
Tem pés e braços
Até o próximo desemprego.

Um provisório sentido de vida
Transformando-o em algo que
Ele não sabe, mas sente.

Às vezes sente um bater
De relógio dentro do peito.
Não é seu coração!

Às vezes sente em seus
Ossos, engrenagens.
Não são suas articulações.

Às vezes sente em seu
Fôlego, um acelerado ritmo.
Não é sua respiração

Às vezes sente, mas não sabe
E por isso, por vezes, defende
A mão que aprofunda sua desgraça.

Não sabe, mas às vezes sente,
E por isso, sempre, guarda
nas mãos, sua emancipação.

◀



O diabo amassa, o povo engole!

Ilustração de Jason de Lima e Silva, 2022.

Caneta nanquim e gel branca sobre papel.

Jhonatan Carraro. (1994 -) É escritor, rapper e ator. Cursa Licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Nascido na cidade de São Paulo (SP), seu primeiro contato com o teatro deu-se nas oficinas do Festival Palco Giratório (2014), em Florianópolis. Escreve, monta, dirige e atua no solo *“Devir-Cão, ou a mordida dos cínicos”*, peça que recebeu destaque no circuito universitário local. Como poeta e escritor, estreou em 2021 com “Poesia para as Ágoras de Agora – o poema na linha de frente, o poeta no campo de batalha” (Ed. Kazuá). No mesmo ano, sob o nome artístico de CÃO, lança seu primeiro single, *“Dissprezo ao Presidente”*. Ainda quer tocar bateria e sonha em fazer solos mirabolantes de guitarra. Um dia, talvez velhinho.

GUERRA DE CLASSES

.
LUTA DE CLASSES

é quando encaro o motorista que dirige um carro de 5 lugares carregando 4 ausências no banco estofado e eu de pé, num ônibus lotado, o encaro e ele desvia o olhar e disfarça e engole em seco sua má consciência.

.
Luta de classes

é o olhar de cima a baixo que um homem negro recebe ao entrar num restaurante de luxo. E se ele paga em dinheiro, todos pensam “É jogador de futebol?! É pagodeiro?!” Um homem negro é sempre um homem negro.

.
Luta de classe são os bairros nobres que fazem fronteira com as favelas. É a propaganda do tênis de marca que instiga o desejo do menino pobre. Luta de classes é o moleque que trabalha desde os 7 anos de idade.

.
Luta de classes

é a mulher ganhar menos que o homem e trabalhar em dobro.

.
Luta de classes

é o assédio do patrão na secretária e o medo da denúncia por não querer perder o emprego.

.
Luta de classes

é o quartinho da empregada. Eis a nova senzala! 24 Horas à disposição da Patroa.

.
Luta de classe são os preços das coisas, dos usos, dos objetos e as taxas de participação no consumo díspares como os salários.

.
Luta de classes

é a venda da força de trabalho é o trabalhador alienado de si mesmo do seu trabalho, do seu saber, do seu produto.

.
Luta de classes

é o ônibus lotado do transporte público e o ônibus “Executivo” com ar-condicionado. É a diferença entre um Sedan de luxo e um Uninho quadrado. Entre um churrasco no domingo e um arroz com feijão e ovo.

.
Luta de classes

é o racismo diário e perverso é a opressão de gênero que atravessa os séculos é o esgoto a céu aberto e a falta de saneamento básico. É a dengue, a febre a chikungunya. No Brasil, é a primeira morte por Corona da empregada que contraiu o vírus da Patroa.

.
Luta de classes é a criminalização da maconha
enquanto a cerveja tem sua propaganda na TV aberta
é o bacana que bebe um *Chardonnay*,
dá um teco da mais pura
e degusta com gosto uma lagosta
enquanto a classe trabalhadora
tudo produz!
mas o que lhe pertence?
mal a sobra, nem a sombra
os restos...
as migalhas do banquete.

.
Luta de classe
são os brioques de Antonieta
e o Povo, quando come
é o pão que o diabo amassa.
E ainda assim, agradece
(a Deus, injustamente
pois não é o Diabo o padeiro?)
pois o pão do capeta ainda é melhor do que nada.

.
Luta de classes é a reforma trabalhista
e o 'livre acordo' entre o funcionário e o patrão.
É a negociação coagida, a demissão coletiva
o intervalo de meia hora pro almoço...
é o feriado que se vende por uma reles comissão.

.
Luta de classes é o fim das aposentadorias
o teto de gastos, a dívida pública.
Luta de classes é o latifúndio, a monocultura
é o sangue do pequeno agricultor que fertiliza os arados

.
mas
nem só de derrotas se faz a luta de classes.
Também nós vencemos algumas batalhas.
Luta de classes é o salário
(ainda que mínimo)
a jornada diária de trabalho
as férias remuneradas, o décimo terceiro.

.
Luta de classes
é o filho da doméstica na Universidade
a menina negra que virou médica
e a mulher no mais alto cargo da empresa.

.
Luta de classes
é o homem e a mulher trans
garantindo seus direitos
é o trabalhador e a trabalhadora
transgredindo o horizonte da pobreza.

.
Luta de classes
É a doméstica viajando pra Disney
CHUPA, PAULO GUEDES!
Tu vai ter que engolir o pobre no aeroporto
a vontade, de chinelo
como se fosse rodoviária.

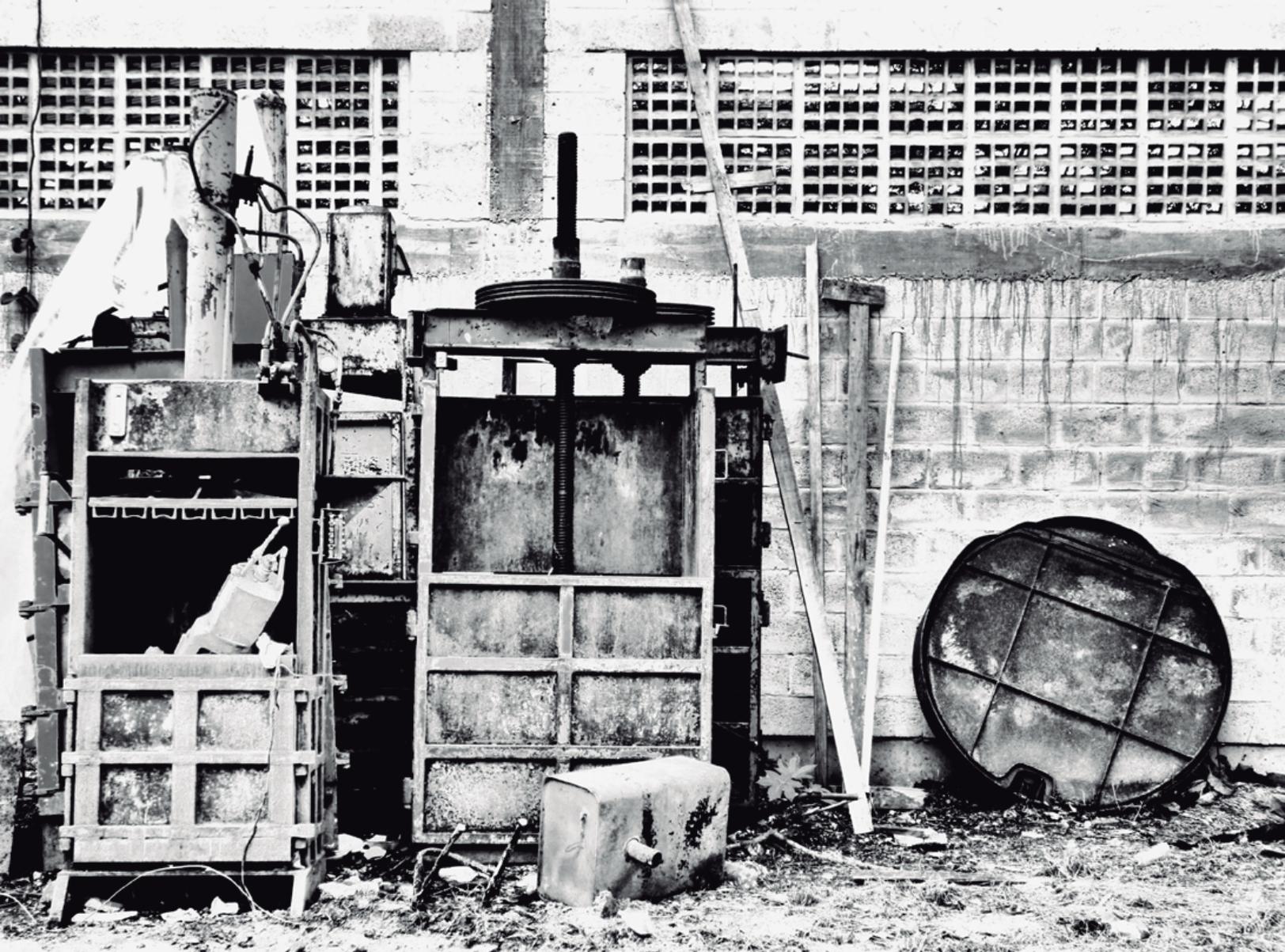
.
Para fazer a luta
não se pode ficar de luto
nem aceitar a derrota.
É preciso dizer "Sim, eu luto!"
Eu luto esta luta da classe trabalhadora

.
Consciência de classe
é saber o lugar que se ocupa na sociedade
é não ter vergonha da própria pobreza
e tirar forças da própria miséria.

Luta de classes é pelo teto, pela terra
e já passou da hora
da gente transformar essa luta numa Guerra!

Guerra de classes
é combater os ricos
verdadeiros inimigos do bem-estar social.
Que eles aprendam a dividir, igualmente
o pão, o peixe e o vinho
ou morram afogados na sua própria gula
empapuçados com sua pele morta
e que rolem morro abaixo, mortos
sob suas próprias barrigas gordas

..
☪



Restos de máquinas de moer gente.

Foto de *Cyntia Silva*, Florianópolis-SC, 2021.

Clarissa Macedo. (1988 -) De Salvador – BA, é Doutora em Literatura e Cultura, é escritora, revisora, agente cultural, pesquisadora e professora. Apresenta-se em eventos pelo Brasil e exterior. Integra coletâneas, revistas, blogs e sites. Publicou *O trem vermelho que partiu das cinzas*, *Na pata do cavalo há sete abismos* (Prêmio Nacional da Academia de Letras da Bahia, traduzido ao espanhol), *O nome do mapa e outros mitos de um tempo chamado aflição* e *A casa mais alta do teu coração* (Prêmio Biblioteca Digital do Paraná). Integrou o Circuito de Autores, do SESC. É a idealizadora do Encontro de Autoras Baianas e do Sarau Cartografias.

Noturno n. 4

À NOITE,

No descanso das injustiças e das fraquezas,
Eles decretam no palácio a tua próxima fome.

Quando amanhece, o sol não nos fala
Nele, uma cortina de 100 dólares ponta de estoque

Em nós, o medo e o mito do silêncio.

Bronze o dia as aflições pelo trabalho e pelo sono

E quando enfim madruga e a jornada de tantas horas parece que
[chega ao fim]
Eles dizem que haverá mais

Que haverá mais porque é preciso cansaço para os nossos olhos
É preciso sangue
Para que não se possa meditar

Para que sigamos
Máquina aos moinhos
A moer tudo aquilo que somos, tudo aquilo que não podemos ser. ☾



Flávia Aline. (1993 -)

É natural de Botuverá, interior de Santa Catarina e, atualmente, reside na capital Florianópolis. É graduada em Relações Internacionais e Mestre em Sociologia e Ciência Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Comunista, feminista e apaixonada por Filosofia e por Literatura, especialmente a Literatura escrita por Mulheres.

Vazio do prato, do estômago e da vida.

Foto de Cyntia Silva, Florianópolis-SC, 2021.

Da fome

SEM PEDIR LICENÇA

a fome entrou pela porta
Sentou na mesa
murchou a horta
esvaziou as panelas
e deixou quebrada as janelas.

Se senta na cadeira da frente.
Velha conhecida de todos os miseráveis que trabalham e
trabalham
mas que nunca tem tanta comida
como aqueles que só olham
E os que só mandam.

Com desânimo uma voz murmura no breu
que a fome nunca se foi
ela só se escondeu.
Ficou esperando na esquina
nas ruas
nos armários de casa
nas cozinhas de escola
se esgueirou cá e lá mas não morreu.

A fome seguiu pelos cantos
sentou em mesas de negócios
colocou as cartas na mesa
e calculou os lucros com risadas.

Riu das propagandas que falaram da sua ausência
flertou com a tecnologia
e como se feita de magia
e não de miséria
fingiu que nem existia.

A fome virou dado
Pesquisa
Livro
Caridade
Capa de jornal
e política assistencialista.

Seu sumiço temporário encheu discursos presidenciais
foi menina propaganda de um país que nunca existiu.

Seu breve desaparecimento foi notícia de uma promessa
que nunca se cumpriu.

Lá no alto
a fome se vestiu de passado pro presidente que anunciou
sua morte.

Aqui embaixo
se esgueirou com camburões pelos morros
visitou aqui e lá Marias, Teresas e Anas
Prendeu José, Pedro e João
Foi visitar o campo em tiros altos de espingarda e tocaia
escorreu com a lama que inundou Brumadinho e Mariana.

A fome distribuiu sementes mortas
entrou de novo pelas mais simples das portas
anunciou renúncias com gosto de chocolate e coca
e então colheu miojo barato
ao invés de mandioca.

A fome foi jogada pra debaixo do tapete
e ela que foi figura no sertão
depois presença nas favelas
e assombração da classe média
começou a tirar o pão
apertou as fivelas
jogou o povo em celas
tomou cada espaço
espalhou hectares de terra com soja e nada
e se espraizou feito praga.

Agora com cheiro de cigarro e desespero
mostra que nunca foi sobre A, B ou C
nunca foi sobre você
ou sobre eu
sobre eles
ou sobre ela.

Nunca foi só sobre o campo
ou só sobre a cidade.

Com um copo de cachaça que restou
e lembrando dos bilhões de um e da miséria de todos,
desvela:
SEMPRE FOI SOBRE CLASSE. ◄



Arte na rua.

Pixo de *Gildson Lima*, Natal-RN, 2022.

Amém ORE. (2000 -)

André Lima da Silva é um jovem Rapper e Slammer, vulgo Amém ORE. É cria da Favela de Mãe Luiza, onde nasceu e se tornou referência em Natal/RN por abordar em suas letras o genocídio de jovens negros e a desigualdade social vivida no país. Integrante da gravadora mrstoneone, em 2020, lançou seus primeiros projetos: o videoclipe Ensaio, o EPIRA, e outros singles de sucesso. Um de seus sons mais ouvidos chama-se Family frendly, inspirado na atual pandemia. O resultado de tanto trabalho foram quatro indicações e o troféu de “Linguagens Urbanas” no Prêmio Hangar. Além de ser Bicampeão Estadual do Slam RN (Mossoró), já representou sua cidade, Natal/RN, no Slam Nordeste em Olinda/PE, e seu estado, RN, no Campeonato Nacional de Poesia Falada - Slam BR em São Paulo. Desde o início, sua trajetória tem ganhado apoio e destaques na mídia regional.*

* (link <https://youtu.be/IU8zi26uK2M>)

Gildson Lima. (1995 -)

(Nascido em Mãe Luiza, comunidade situada em Natal/RN, CONCARINO (@carinhocon) começou no pixo aos 21 anos de idade, e desde então concentra-se nessa segmentação de arte urbana. Seu trabalho tem como objetivo expor e gerar reflexões sobre questões e corpos sociais marginalizados. CONCARINO atualmente também atua com o projeto Raízes do Morro (@raizes_morro), um espaço dedicado ao cultivo, comercialização e cuidado de plantas e artigos paisagistas.

Necropolítica

PRA QUE TANTA PANELINHA

Se nem todo mundo come
Nosso povo tá com fome trabalhando na cozinha
Não dignificam mulheres
Diminuem os homens
Nós tá morrendo igual peixe com plástico na barriga
Eles têm o suficiente pra acabar com a fome e a
indústria distribui selo verde pra qualquer porcaria

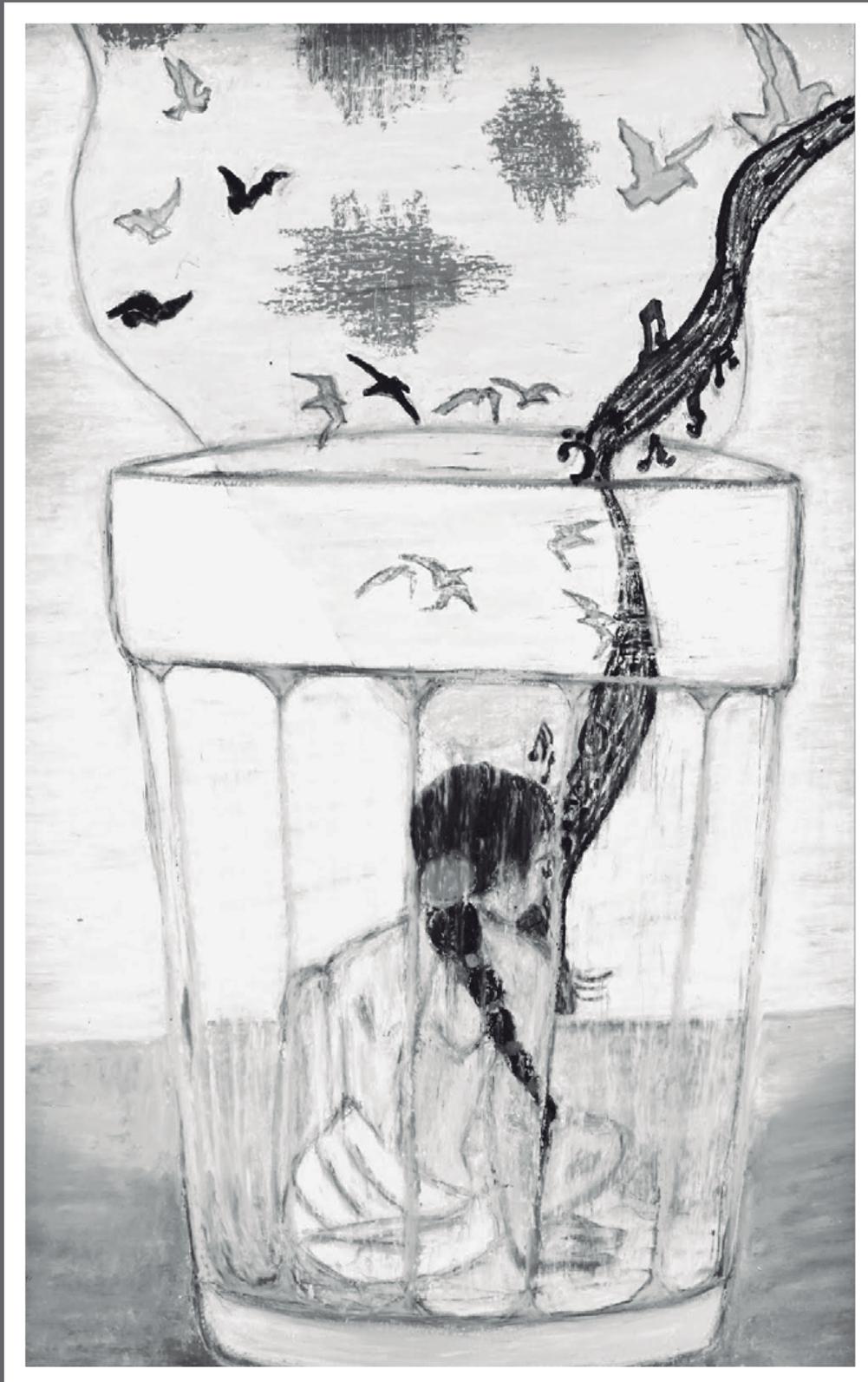
Os rios são poluídos enquanto garimpam
Nego, não existe assassinato sustentável
Não engolem veneno mas ingere toxina
E a pesca ilegal mata mais que o canudo de plástico

Bactéria de carne morta que causa demência
Trabalho análogo que sustenta essa cidade
Toda cura é patrocinada pela doença
Em cada loja uma suposta felicidade
A ganância do homem mudou todo o ecossistema
Estão vendendo imagens meramente ilustrativas
É o dinheiro que nos leva a droga maiores
No país da fome o que tá matando é a comida
E as fábricas não se instalam no seu bairro nobre
Continuam roubando e estuprando indígenas
Onde um por cento tem mais que noventa e nove
A maioria é só uma minoria rica
Herdamos maus hábitos
Uns dizem que é doença
Um pobre que pensa
Já não é mais pobre

Meu povo continua comendo embutido
E o sonho do oprimido ainda é ser o opressor
Mercado popular é um caminhão de lixo
Pé de galinha e absorvente é luxo
A cor do capitalismo é vermelho sangue
Ninguém aqui questiona esse nutricídio
Eles não tão nem aí para o que deus sabe
Quantos agrotóxicos estão consumindo

É mais fácil mudar pra Marte
Alô, alô marciano contaminaram a terra
Quantos pretos cabem atrás das grades?
O evento mais lucrativo do mundo é a guerra
Polícia não defende a gente
E nós não defende a polícia
Antes domesticadas
Hoje em dia domésticas
O sistema te esquece até que vc não exista
Desde cedo nós aprende a engrossar as canela

A polícia protege a sua zona de conforto
E transforma a minha em uma zona de combate ☹



Estilhaços.

Ilustração de Joana Calado. Florianópolis-SC, 2021.

Carvão e óleo pastel sobre tela [adaptado em P&B para a revista].

A mulher, a cidade, a culpa e o sistema: *remix*^I

Elias Enrique Moreira. (1964-) É professor de História aposentado, Mestre em Educação pela UNIMEP-Piracicaba-SP, membro do Coletivo IDE e do Fórum Nacional de Monitores do Núcleo de Educação Popular 13 de Maio. Criou o podcast “*Delírios do verbo*”(Spotify) para compartilhar, pela manhã, seus diálogos com poemas de sua preferência. Este é um deles.

Joana da Neves Calado. (1987-) Natural de Coimbra, Portugal, reside atualmente na Ilha de Santa Catarina. Professora de Sociologia, diverte-se, nas horas vagas, inventando garatujas e pintando poesias.

^I*A Mulher, A Cidade, A Culpa e o Sistema: Remix.* Adaptação do poema nº, V do livro *Guia para os habitantes da Cidade* de Bertold Brecht. Publicado pelo Instituto Rosa de Luxemburgo. São Paulo:2017. Trd. Tercio Redondo, feita por Elias Enrique Moreira.

SOU UMA MERDA.

De mim nada posso exigir senão
Fraqueza, traição e decadência
Mas um dia percebo: está melhorando,
O vento sopra em minhas velas, chegou minha vez,
Posso ser mais que uma merda – começo a sê-lo agora mesmo.
Sendo uma merda, notei que ao me embriagar, deito-me simplesmente,
e não sei quem está em cima de mim;
Agora não bebo mais – Acabo de parar.
Para me manter viva, tive, infelizmente,
De fazer uma porção de coisas que me prejudicaram;
Tomei do veneno que teria matado quatro cavalos, mas só assim,
Pude me manter viva; por um tempo
Usei cocaína, até parecer uma vara seca
Mas então me vi no espelho –
E parei imediatamente com isso.
Tentaram, naturalmente, infectar-me com sífilis, mas
Não conseguiram; só puderam me envenenar com arsênico: eu tinha a
meu lado,

Tubos que dia e noite drenavam pus.
Quem imaginaria que uma tal mulher,
Pudesse de novo enlouquecer os homens? –
Recomecei imediatamente a podê-lo.
Não fiquei com nenhum homem que não tivesse feito algo por mim;
Fiquei com todos de que precisei.
Quase não tenho sentimentos, quase não me excito mais
Contudo, sempre me recupero; tenho momentos bons e ruins, mas,
No final, mais bons do que ruins.
Noto que ainda chamo minha inimiga de porca velha, e ela, como inimiga,
logo percebe que um homem está a observá-la.
Mas, dentro de um ano, terei parado com isso –

Já comecei a parar.
Sou uma merda, mas acabarei por tirar partido de tudo; vou subir,
Sou inevitável, sou a geração de amanhã
Logo já não serei nenhuma merda,
Mas a dura argamassa com que se constrói a cidade.
(Isso eu ouvi de uma mulher no século XX)

Mas um dia destes aqui, na cidade onde estou no século XXI,
resolvi perguntar a mulher: - e aí, você continua se sentindo uma merda?
A mulher me disse que sim, mas que foi ao banqueiro que lhe ofereceu um empréstimo,
- Pensei, disse a mulher, finalmente, deixarei de ser uma merda,
Afinal, dizem que cada um vale o que tem,
Mas, o gerente me pediu comprovante de renda – eu não tenho renda.
Então, fui ao pastor da universal que me ofereceu 1000% aqui na terra,
Mas, me disse que para isso, teria que dar meu salário para Jesus.
- Não tenho salário e se deixar todo dinheiro que tenho para o senhor,
que nem precisa de dinheiro, porque é o senhor do universo,
e, pode criar o quanto quiser – morro de fome. Escomunguei o pastor,
Minha esperança voou para o *coaching* na internet –
ouvi e vi seu maravilhoso vídeo, com ensinamentos muito relevantes –
ele me disse: - Só depende de você, mulher, seja forte e empreendedora –

O sol nasceu para todos, mas a sombra é só para quem merece.
Mandei-lhe à merda. Foi quando, o Estado, me acusou de vadiagem,
na pessoa do policial que me disse: - vagabunda, ilegal, ladra,
Confesso que fiz pequenos furtos de homens endinheirados,
De guloseimas em supermercados - crimes famélicos eu sei, o delegado
ignorou meus argumentos, mas me deu duas opções:
- pode ir presa ou para os serviços comunitários. Não contente em ser homem da lei fria,
sin ira et studio do Weber, sem dó nem piedade no meu idioma,
o Delegado transformou-se em moralista e me disse com ar de
Bispo gordo que havia tanta mulher decente por aí que escolhera outro caminho:
- Trabalham 12 horas por dia e ganham salário mínimo e você aí de vitimíssimo,
no crime vagabunda! – dei de ombros e mandei o Estado se foder,
Fui para a prisão e escapei logo depois, mas pensei em suicídio,
-Ataco a mim mesma, acabo comigo e durmo para sempre,
não serei mais uma merda, mas,
o rabino me chamou – preocupado me disse-me que um suicida,
não pode nem ser enterrado como os outros, que meu túmulo estaria apartado
dos demais, deixei o Rabino falando sozinho, e quando passei perto da igreja
ouvi o grito do vigário dizendo que os suicidas vão para o inferno.

Para me acalmar, o espírita disse que eu iria para os intermúndios, ou para o limbo,
demoraria milênios para evoluir, mas a desgraça não é para sempre,
me senti então, mais do que merda... decidi comprar ou roubar uma arma,
- Então vai mesmo se matar? Perguntei a ela. - Vai aceitar a alcunha de merda?
- Não, me respondeu a mulher,
a maioria das mulheres e dos homens são como eu, vou procurá-los:
- Decidi matar o sistema (com eles).
(Foi que me disse uma mulher no século XXI) ¶

*Ilustração por Cacinho, 2022.
Arte digital com mesa digitalizadora.*



Ricardo Scopel Velho. (1980 -) *Nascido em Canoinhas/SC, é professor de Sociologia do Instituto Federal Catarinense. É mestre em Sociologia Política, doutor em Educação e monitor do Núcleo de Educação Popular 13 de maio (13 de maio – NEP). Expressa-se pela poesia vez ou outra.*

Cacinho. (1961 -) *Nascido em Barra do Pirai/RJ, Acacio Alves Pinto Junio - Cacinho - é chargista, cartunista, caricaturista, Ilustrador e produz animações digitais. Atua na revista digital do Coletivo PAVIO CURTO. Começou a carreira no Sindicato dos Metalúrgicos de Barra do Pirai/RJ, na década de 1980. Conta com mais de 20 curtas metragens e muitos prêmios em festivais de cinema e animação. Fundou, em sociedade com o chargista André Ribeiro, a revista digital DUAS BANDAS E UM CUJUNTINHO, uma homenagem à extinta revista BUNDAS do Ziraldo.
paviocurto21.blogspot.com | www.youtube.com/user/cacinho*

Comandante da alegria

(Ao camarada Révero de Paula Ribeiro - MST/SC)

ERA UMA VEZ UM PALHAÇO,

Daqueles que vive para os outros.
Saiu pelo mundo saltimbanco,
Procurando soluções para nossa agonia.

De um se fez dois, e muitos mais...
De repente tínhamos um exército.
Batalhões de palhaços prontos para o combate.
Armados de piadas e brincadeiras,
Sabedores de sua tarefa revolucionária.

Como Che na Sierra Maestra,
Criou rádios rebeldes.
Como Mao na grande marcha,
Atravessou rios e desviou dos perigos.
Como Lênin na estação Finlândia,
Subiu em um banco na praça e discursou.

As colunas de Sem Terrinhas sempre tagarelas,
ficavam hipnotizados com seu carisma.
O palhaço Rolo também os amava.
E juntos sorriam, transbordando afetos, poemas e lutas.

Mas o grande acaso surgiu entre nós.
A sombra da morte sempre nos ronda, silenciosa e fria.
E foi no campo de batalha que encontrou nosso dirigente,
Que com muita coragem a enfrentou.

Vieram camaradas de todo o país,
Fazendo da solidariedade nosso abraço.
Um experimento doloroso,
Mas necessário para o aprendizado humanista.
Nossa escola fez-se lágrimas,
Que irão irrigar o solo para novas batalhas.

A tristeza da partida é passageira,
Mas a alegria do comandante revolucionário será eterna.
Aprendemos com você o poder transformador da cultura e da arte,

Aprendemos a amar nosso irmão de classe,
E a odiar o capitalismo com todas as células do corpo...

Até a vitória, nosso comandante da alegria.

Camarada, hoje e no dia da vitória, brindaremos a você!!!

Os castigos do dia

HOJE É UM DIA DAQUELES que sintetizam décadas,
Explodem prédios, pontes, poderes e potências.
Os castigos escorrem pelas páginas de notícias.
Pelas bocas de amigos e inimigos.

As guerras, assim como as críticas, são úteis.
Elas abrem caminhos para o novo mundo.
Elas destroem as petulâncias e arrogâncias.
Cravam baionetas nos corações estéreis de soldados ocos.

Mas aquela dor, da guerra e da crítica, é luz,
Serve para saber onde há fogo e calor,
Ali onde se abre o caminho para o futuro.
Ah, o futuro, tão etéreo, tão ilusório, tão necessário...

É lá que mora a vida, a força,
A doçura das rupturas, dos cortes,
das cicatrizes abertas na objetividade do cotidiano.

Do passado aprendemos os erros, os atalhos,
Aprendemos com os mortos em seus túmulos,
Com eles choramos, por vezes de tristeza, por outras de alegrias.

Como um roteiro de novela antiga,
Como quem conta sempre a mesma ladainha,
Espalham-se perguntas:
Como chegar ao futuro?
Por que gritamos o desespero?
Quem será o agente da mudança?
Sempre foi assim?

São tantas angústias, tantos afetos, tantas lágrimas,
Diluídas numa dúvida ontológica: o que fazer?

Bem, em dias de castigos, devo refletir:
Será que fui alfabetizado?
Minha leviandade vale ao menos um samba?
Seria eu um entrave à busca pela verdade?
Entendi bem o que li dezenas de vezes?

Do caldo espesso, quente, rubro em que fervem esses pensamentos,
Ronda uma pedra, dura, fria, como uma lâmina.
Ela sintetiza milhares de anos de natureza inorgânica.
Mas ela não pode fazer o futuro,
Porque ela não faz história!!!
Não afronta!
Não grita!
Não faz guerras nem revoluções!

No caldeirão da história cozinhamos as entranhas da humanidade.
Dali saem os pratos que alimentarão novos soldados,
talvez dignos de outros tempos.

Pois hoje choramos nossos mortos,
Celebramos as pequenas vitórias.
Nem que seja estar vivo!

O crime que merece todos esses castigos é simples:
Costurar o futuro com as roupas esfarrapadas das guerras e críticas,
Construir pontes entre os gritos e as ideias,
Atravessar cidades incendiadas pelo Capital.
Tudo isso para AMAR, sim, amar...
O futuro,
As crianças,
Os pais que nos guardam,
Os amigos que vão para longe e os que vêm para perto,
A paixão ardente no rosto da pessoa escolhida para a vida,
E sim, amar a Revolução!
Eis os crimes que merecem os castigos, das guerras e das críticas. ◀



*Ilustração por Cacinho, 2022.
Arte digital com mesa digitalizadora.*

Rafael Hagermeyer. (1972 -) Curitiba-PR. Cantor e compositor popular, além de historiador e professor há mais de 20 anos. Recebeu o 2º lugar no I Festival da Canção da UFPR em Curitiba, onde atuou fazendo voz e violão nos bares, assim como em Porto Alegre, com o duo *Conversa de Botequim*, cantando sambas da velha guarda. Atualmente dedica-se à página “*Paródia da Semana*” (www.facebook.com/parodiadasemana), divulgando todos os sábados um vídeo inédito com uma versão dos acontecimentos que marcaram o debate político, a partir de grandes sucessos da música popular.

Nobre plebeu (Barão de Itararé)

UM CERTO DIA, numa Manhã
Apareceu um comunista ateu...
Ninguém podia imaginar
Que alguém fizesse rir
Tanto de uma piada!
Quando a Chibata ele lembrou...
A Marinha se irritou
E o encheram de porrada!

E seu nome era Barão de Itararé!
Sua piada se espalhou e todos vinham rir
Do brilhante comunista redator
Que tinha tanto humor...

Um certo dia na redação
Do seu jornal pôs: “Entre sem bater!”
Ninguém podia sacanear
O nosso presidente era o Getúlio Vargas!
E comunista do Partidão
Foi mandado pra prisão
Deixando crescer sua barba...

E soltaram o Barão de Itararé!
Sua piada se espalhou e todos vinham rir
Do brilhante comunista redator
Que tinha tanto humor...

O Estado Novo, quando acabou
Pra vereador ele se candidatou
Gritou: “Mais leite e mais água!
Mas menos água no leite...”
Era o lema da campanha!

Vitorioso na eleição
Disse que “um dia é da caça
E outro da cassação...”

E cassaram o Barão de Itararé!
Sua piada se espalhou e todos vinham rir
Do brilhante comunista redator
Que tinha tanto humor...

Um certo dia, mais uma vez
Voltou à cena nosso nobre plebeu!
Na “Última Hora” que conseguiu...
“A vida pública”, concluiu,
“é uma continuidade da privada!”
Disse que “o mundo redondo é
Mas está ficando chato...”
Prevendo uma quartelada!

E assim morreu o Barão de Itararé...
Só em seu apartamento em 71
E até hoje as suas piadas fazem rir
Depois que ele calou...

Homenagem da “Paródia da Semana” ao “Barão de Itararé”

NOBRE PLEBEU (Barão de Itararé) 22/05/2021

MUITOS LEITORES DESTA REVISTA devem conhecer algumas frases do Barão de Itararé que até hoje circulam na forma de “memes” nas redes sociais. Poucos, contudo, sabem quem foi esse redator de estilo único na história do humor político brasileiro, criador deste personagem ou pseudônimo marcado por este “título de nobreza”.

Aparício Torelly, o auto-intitulado Barão de Itararé, seria um herói hipotético da também hipotética “batalha decisiva” que selaria o desfecho da Revolução de 1930 no Brasil. As tropas revolucionárias e legalistas já estavam preparadas para o confronto final em Itararé, no interior de São Paulo. Mas o presidente da República, Washington Luís, resolveu renunciar e partir para o exílio. Assim abriu-se o caminho para que Getúlio Vargas apeasse seus cavalos no Rio de Janeiro e assumisse o poder sem resistência.

A batalha de Itararé, portanto, ficou conhecida como “A batalha que não houve”, e daí a ironia do humorista em se reivindicar uma “falsa nobreza” decorrente de atos de heroísmo que nunca se consumaram. O título de Barão não foi portanto ostentado por ele de forma hipócrita, como sempre fez a burguesia tupiniquim. Ao contrário, era uma ridicularização dos procedimentos ainda vigentes na República Velha, que concedia no Brasil esses títulos de “Barões” e “Condes” aos magnatas da indústria mesmo após o fim da monarquia. O anacronismo era assim denunciado pela ridicularização de si próprio. Virtude esta que todo humorista, como todo bom palhaço, aliás, deveria ter.

Alguns de seus marcos biográficos são apresentados na letra publicada na página Paródia da Semana no ano passado, interpretada pelo parodista caracterizado como “Barão de Munchausen” – um nobre alemão que combateu pelo exército russo na Turquia e ao retornar costumava contar suas memórias de maneira bastante fantasiosa, que inspirou o personagem do livro escrito em homenagem a ele. Já a vida de Aparício Torelly, nosso “Barão de Itararé”, foi marcada por muitas desventuras – e que nunca tiveram o mesmo glamour ou o exagero surreal que marcaram o humor do nobre alemão.

A melodia original da paródia foi tomada da canção “Um certo galileu”, uma narrativa da vida de Jesus – não integralmente, mas apenas a partir de seu retorno à Galileia aos 30 anos. A canção de autoria de Oseias Costa foi um sucesso nas Igrejas e Escolas Católicas dos anos 1970, gravada pelo Padre Zezinho. Nela se descreviam os milagres do messias Nazareno “que tinha tanto amor”. Ao final, seu “Jesus comunista” acabava injustamente crucificado “no meio de ladrões”, porque “seu jeito honesto de denunciar mexeu na posição de alguns privilegiados”.

Nosso mestre brasileiro da sátira política também denunciava “os privilegiados” e poderosos da época com o seu humor, e isso também causava muita irritação. Por essa razão foi agredido algumas vezes, acabou preso em algumas outras, mas nem diante das piores tragédias de sua vida pessoal, profissional e política deixou de rir de si mesmo e de fazer rir dos absurdos da vida. Esse talvez seja seu maior legado. ¶

Para ouvir esta e outras paródias, use a ferramenta de busca do canal
www.youtube.com/parodiadasemana



Raízes destroçadas.
Fotografia de Cyntia Silva.
Florianópolis/SC. 2019.

Gilberto Tadeu Nable. (1954 -) *Nasceu em Aiuruoca/MG, pequena cidade do sul de Minas, onde passou a infância e parte da adolescência. Formou-se em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais no ano de 1977. Publicou **Elegias Urbanas e outros Poemas** em 1988, e **Menino Abstrato** (conros) em 1995, ambas edições do autor em pequenas tiragens. Publicou também **Percurso da Ausência** (7 Letras, 2006), **O Mago sem Pombos** (7 Letras, 2008), **Poemas do Desalento & Alguns Elogios** (Editora Scortecci, 2019) e **Poemas com (alguma) Fúria & Novos Elogios** (Editora Viseu, 2021).*

Dois cavalos

Existem dois cavalos, o estético e o político, e que o romancista hispano-americano deve montar em ambos ao mesmo tempo, ou ainda que talvez esses cavalos sejam um só e o mesmo, porque toda obra literária fiel a suas premissas e lograda em sua realização, em sua expressão, tem um significado social.

Carlos Fuentes - Anais do 1º e 2º Simpósios de Literatura Comparada. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

1

Para ser poeta hispano-americano
é preciso saber montar em dois cavalos,
conforme o que nos circos se apregoa:
dois cavalos, mas de uma só vez,
um pé no estribo de um, e outro pé,
em pelo, firme, no lombo do outro.

2

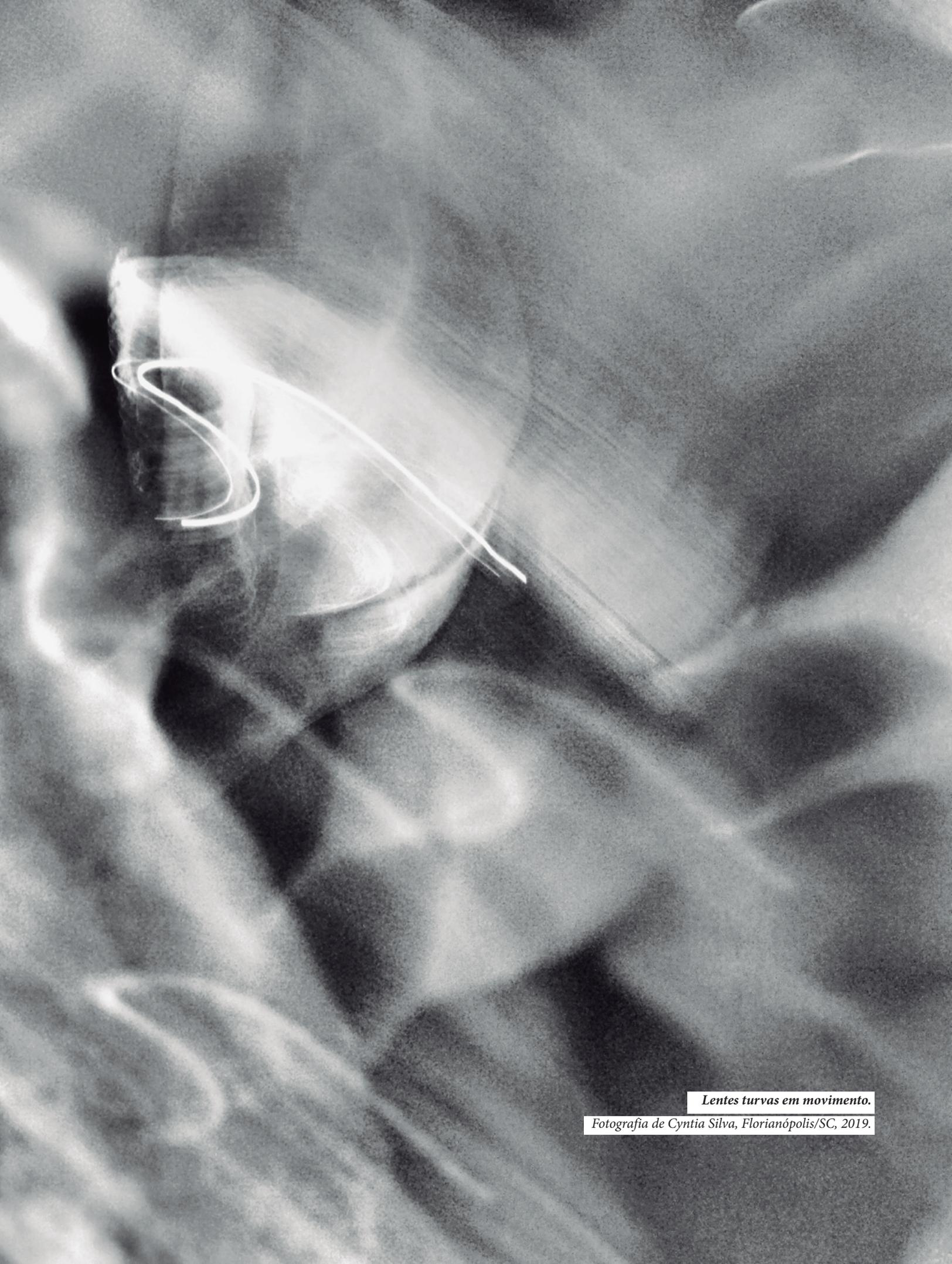
Se montado apenas no cavalo estético,
é bem menor o risco de cair da sela.
Um cavalo arriado e que tem rédea,
animal de marcha que gosta de bridão,
penachos, antolhos, loro e barrigueira.
E nem dá coice, tombo ou tropeção.

3

O cavalo político é animal coiceiro,
não aceita arreio, cisma de empinar,
destemperado, refuga e corcoveia.
É um corcel da cabeça empinada,
pelagem, orelha e a crina eriçada,
amigo encantado do galope ligeiro.

4

O poeta hispano-americano deve
saber montar nesses dois cavalos,
um bem arriado e o outro no pelo,
meio cavalo de Troia, meio unicórnio.
E não pode ficar tão longe do seu povo:
joguei de clube, mas peão de auditório.



Lentes turvas em movimento.

Fotografia de Cyntia Silva, Florianópolis/SC, 2019.

Quintais do Império

Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia.

Eduardo Galeano

- **POBRE MÉXICO!** *tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos.*

A frase é do General Porfirio Díaz, presidente do México por trinta anos.

Na época, alguém poderia ter atualizado o dito célebre:

- *Pobre México! tão longe de Deus e tão perto de Porfirio Díaz.*

Reeleito seis vezes seguidas, entregou o petróleo e as riquezas do país para os *yankees* que fingira odiar.

Mexicanos pobres e índios não tiveram vez.

Morreu no exílio, em Paris – *malheureux* -

enterrado no Cemitério do Montparnasse,
longe de Deus e mais longe ainda do México.

Eu digo: - *Bem feito!*

Mas a sentença é tão lúcida

que poderia ter saído da garganta de outro,

que não fosse entreguista nem ditador ou general.

É tão exata e profética

que merece ser também ampliada

para as duas Américas que sobraram,

duas sub-Américas,

estes infelizes quintais do Império,

no Centro e no Sul:

sempre com as veias abertas,

apartados de seus destinos,

apartados de seus direitos,

prontos apenas para perder. ☪



Nenhuma a menos.

Foto de Cyntia Silva, Florianópolis-SC, 2017.

Virgínia Squizani Rodrigues. (1990 -)

Nascida em Santo Ângelo/RS, mora em Florianópolis/SC desde 2011, cidade onde encontrou a poesia e a antropologia. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina.

S.O.S.

S.O.S. onde estão os revolucionários?

Aqueles dispostos
a refazer as formas de Amor
a revisar as políticas de Mercado
e até mesmo
aquilo que a gente entende por Estado

S.O.S onde estão os revolucionários?

Aqueles que sentem
numa estranha liberdade de ser-junto
uma fome de viver

S.O.S onde estão os revolucionários?

Aqueles que vendo o teto
cair sobre suas cabeças e
sentindo o chão desaparecer sob seus pés
encontram-se em queda livre

S.O.S onde estão os revolucionários?

Aqueles que tendo
nada a perder
querem mais é colocar
todo o resto pra f****

S.O.S onde estão os revolucionários? ☹



Carnes a sol e sal.

Foto de Cyntia Silva, Florianópolis/SC, 2022.

Dagmar de Oliveira Braga. *Nasceu em Pitangui/MG.*

Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), especializou-se em Literatura Brasileira e depois cursou a pós-graduação em Jornalismo e Práticas Contemporâneas. Professora, consultora aposentada pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais, a poeta trabalha atualmente como revisora de textos e é responsável pelo Espaço Cultural Letras e Ponto, onde também ministra Oficinas de Literatura.

*Em 2008, Dagmar estreou com o livro de poemas **Geometria da Paixão**, publicado pela Anome Livros. Para Affonso Romano de Sant'Anna, "A poesia de Dagmar Braga é uma inscrição no silêncio, um diálogo com as sombras, uma caligrafia da solidão, um pressentimento e um suave delírio, aparentemente "unindo o nada a nada", e, no entanto, nos fala de coisas humanamente familiares".*

OS HOMENS ÁSPEROS derramam sobre o mundo
palavras intestinas
gotejam fel
sangram corpos e sonhos

eles nunca se aninham
À espera da névoa
E da luz
De uma certa manhã antiga e calma

Os homens ásperos se aliam e se vendem
Como se consentissem a vida e suas bênçãos

Cegos e rebotos
Divertem-se a lançar
Garras pontiagudas sobre nossas cabeças

Os homens ásperos se fartam de noites e
Tempestades
Em todas as línguas
E nunca saberão a cor dos teus olhos ☞



Revirado.

Foto de Cyntia Silva. Colômbia, 2018.

Nívea Sabino.

Poeta-slammer, ativista antirracista, agitadora cultural e educadora popular. Autora de Interiorana/MG, é graduada em Comunicação Social e possui uma importante trajetória de ativismo poético de enfrentamento ao racismo, à lesbofobia, ao sexismo e outras formas de opressão, através da palavra, pelos saraus de periferias. É uma das articuladoras da RodaBH de Poesia e mulher, pioneira nas competições de Poesia Falada – Slam's, em Minas Gerais. É membra fundadora da Academia Nova-limense de Letras. Em 2019 esteve como co-curadora do FliBH - Festival Literário Internacional de Belo Horizonte com a temática #NarrativasVivas. Integrou a corpo de jurados do Prêmio Jabuti 2020 na categoria "Poesia". Recentemente - março 2022, participou do Mostra de Poesia Mineira | Confluências Poéticas em Barcelona, Espanha, junto a 9 poetas das Minas Gerais e Catalunha.

”OUVIRAM DO IPIRANGA...”

... e Mariana!?

E Mariana?

- ouviram, hein?

... e Mariana!?

Ou viram ou deram *clicks*
compartilharam ou conversaram

Poucos solidários se indignaram
...e se calaram!

Psiu, psiu...silenciados!

Não é educado falar exaltado

MINAS é o estado
em que o “bons modos”
está atrelado ao sentimento
que nos mantém calados

Não ouviram
nem do Ipiranga
nem do morro mais alto de Bento Rodrigues
nenhum aviso do que viria

Ao contrário da D.Graça
invadiu a praça, as casas
espalhou o que não se junta
deixou sujas as ruas
por onde ninguém há mais de passar

Fez barro na flor, quase secou o amor

SAMARCO que não se esquece
silêncio que vela vidas

A quem lar
não é memória
pra carregar

Escorreu pro além
de Mariana
a face oculta de minerar ☪



Memória desbotada.

Foto de Cyntia Silva, Rio de Janeiro-RJ, 2017

Jéferson Dantas. (1973 -) *Gaúcho de Bagé/RS, historiador, ensaísta, compositor e músico amador. Doutor em Educação pela UFSC. Professor no Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da UFSC. No universo literário, aventurou-se com duas novelas: “Suspenso e alheio ou as minhas reticências sinceras e Égab” (Ed. Insular, 2015); “À Beira” (2019), também da Ed. Insular, livro em parceria com escritora e jornalista, Jeana Lexau (pseudônimo de Jeana Laura da Cunha Santos). Seus poemas selecionados para esta edição fazem parte de seu projeto poético-musical “desmemória”.*

Desmemória

É O OCO da palavra,
É o presente,
O mofo da palavra, do passado, do presente!

É só a água turva
Tempo feio
Rubra paisagem
Tanta gente oca
O mofo!

Mofo do passado, do passado, do passado!

Não durmo mais!
E não acredito!
As coisas fugidias se enlameiam
No cenário-bruto!

É tudo pouco!
É voo raso!
Profundez não há!
É o oco da palavra
É a surdez universal!

É a lama! É a lama!
Violência abismada no temporal.

Memória desbotada

A MEMÓRIA

esvanecia
e eu nem mesmo
amanhecia.

A memória borrada
como a
imagem da tua cara...

eram mentiras...
ambíguas narrativas.

Um sopro do dia de tudo
de tudo
de tudo que não fomos
capazes de fazer.

A memória tão ambígua,
Mr. Orwell me dizia: quem controla
o presente, controla o passado!

E, assim, tudo se esvanecia.

Mr. Orwell já dizia,
Mr. Orwell já dizia
já dizia...

Exercício para uma composição do exílio

“QUE A FORÇA nos mande coragem”,
Diante da vertigem torturante,
Em tempos de crimes e danos,
Nessa decadente terra crua!

Ainda ontem te vi nua,
Parecias tão feliz,
Sob o manto da lua,
Mas, fugiste por um triz!

Adeus, Brasil!
Onde foi que te perdi?
És miragem turva, agora!
Sei que não te importas,
Mas, eu vou embora!

“Apesar de você” e de toda a corja ignara,
Há o tempo de esperar,
E também da aprendizagem.
Não adianta vela nem reza,
Para os que não têm coragem!

Banhado em água límpida,
Deixei pra trás incauta esperança,
Vou te levar comigo,
Para uma nova dança,
Rumo ao infinito! ☪



Caminhos cruzados

Foto de Cyntia Silva, Bogotá, Colômbia, 2018.

Carlos Augusto - “Cacá”. (1958 -) *Nasceu em Itapirapuã - Goiás, mas vive em Taguatinga - DF. É autor dos livros **Fadas Guerreiras** (poesia) e **Máscaras** (prosa) e organizador dos livros: **Não basta fazer arte, ela tem de incomodar**, **Cultura de Classe** e **O cordel e suas cantorias**. Desde 1998, interpreta poemas em feiras, bares, teatros, cafés, bibliotecas, escolas, praças e mobilizações de trabalhadores. Seus poemas abordam a mulher, o desejo e questões sociais sempre com delicadeza e crítica.*
Site do escritor: www.caca.art.br

Senhores da luta

Senhores cansados de luta,
Valeram suas conquistas,
Mas, se seguirem na frente,
Nos prejudicam a vista.
Dêem-nos, então, passagem,
Desobstruam as ruas,
Pois, maior que o cansaço,
A nossa luta continua.

Senhores presentes na luta,
Como é bom tê-los conosco
Pra reconstruir o mundo
Com o suor do nosso rosto,
A força de nossos braços
E nossa sabedoria,
E também pra fazer festa,
Que esse povo é de alegria.

Esperança

Se ainda somos poucos
e a vitória é incerta,
Escuta a razão dos loucos
e a loucura dos poetas.

Tribo

Eu ontem comecei a ir.
Fui belo como convém.
Em se tratando de ir,
Vai-se muito mais que vem.

Hoje retomei a ida
Sem ter certeza dos planos.
A procura da saída
Pode atravessar os anos.

Amanhã irei de novo,
Até encontrar meu povo.
Pode ser que não consiga.

Procurar é meu enredo.
Vou indo, mesmo com medo.
O próprio medo me obriga.

Independência

A independência
ainda é pendência.

«



Recortes da caixa de memória

Foto-colagem analógica-digital de Cyntia Silva.

Florianópolis/SC, 2022.

José Carlos Mendonça. (1965 -) Cientista político, brasileiro, mora em Florianópolis há mais de 22 anos. Quando criança, morou no interior de Goiás e creditsua veia contemplativa às suas vivências rurais. Acostumado à escrita acadêmica e política, de vez em quando, aventura-se pelas trilhas da poesia, como exercício lúdico com as palavras. Publicou uma delas em *Texturas* 02.

Nota do tradutor:

ALÉM DE SER UM HINO do proletariado com consciência de classe comunista na Itália, *Bandiera Rossa* é também um autêntico hino popular de tradição oral, uma marcha militar que exalta a bandeira vermelha. Suas origens remontam ao ano de 1884. Resulta da composição de duas melodias diferentes que têm sido amplamente utilizadas desde o século XIX. Sua ancestralidade melódica e textual deriva de uma canção republicana cantada por emigrantes que saíram do vale de Valsugana para Stivor na Bósnia.

Bandiera Rossa

Letra: Carlo Tuzzi (1908)

Melodia tirada de canções folclóricas da Lombardia (Itália)

*Avanti o popolo, alla riscossa
Bandiera rossa, bandiera rossa
Avanti o popolo, alla riscossa
Bandiera rossa trionferà.*

*Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Evviva il comunismo e la libertà!*

*Degli sfruttati l'immensa schiera
La pura innalzi, rossa bandiera
O proletari, alla riscossa
Bandiera rossa trionferà.*

*Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Il frutto del lavoro a chi lavora andrà.*

*Dai campi al mare, alla miniera
All'officina, chi soffre e spera
Sia pronto è l'ora della riscossa
Bandiera rossa trionferà.*

*Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Soltanto il comunismo è vera libertà.*

*Non più nemici, non più frontiere
Sono i confini rosse bandiere
O comunisti, alla riscossa
Bandiera rossa trionferà.*

*Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Nel solo comunismo è pace e libertà.*

*Falange audace cosciente e fiera
Dispiega al sole rossa bandiera
Lavoratori alla riscossa
Bandiera rossa trionferà.*

*Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Bandiera rossa la trionferà
Evviva il comunismo e la libertà!*

Bandeira Rubra

Versão de José Carlos Mendonça (2017)

*Proleta avante, para a desforra
Bandeira rubra, bandeira rubra
Proleta avante, para a desforra
Bandeira rubra triunfará.*

*Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
E viva o comunismo e a liberdade!*

*Da multidão de explorados
Levanta a pura, rubra bandeira
Ó proletários, para a desforra
Bandeira rubra triunfará.*

*Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
O fruto do trabalho a quem trabalha já.*

*Do mar aos campos e desde as minas
Quem sofre e espera nas oficinas
Esteja pronto para a desforra
Bandeira rubra triunfará.*

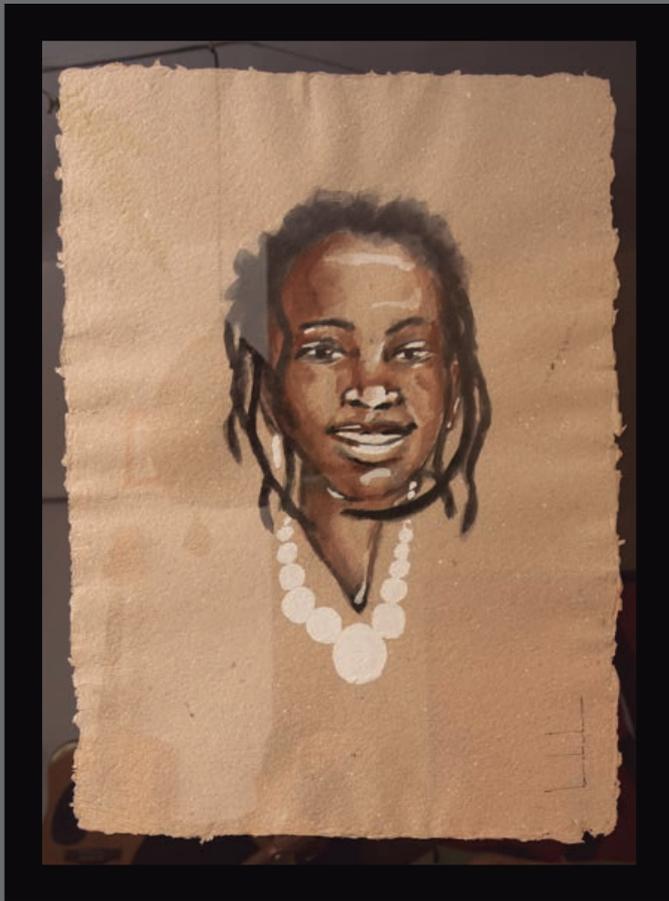
*Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
Somente o comunismo gera liberdade.*

*Sem inimigos e sem fronteiras
São os limites rubras bandeiras
Ó comunistas, para a desforra
Bandeira rubra triunfará.*

*Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
Só no comunismo há paz e liberdade!*

*Milícia audaz, cõscia e altaneira
Desfralda ao sol rubra bandeira
Trabalhadores para a desforra
Bandeira rubra triunfará.*

*Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
Bandeira rubra triunfará
E viva o comunismo e a liberdade! ⚡*



Coleção Petencimento [parte das obras].

Quadros de Bruno Barbi. Florianópolis/SC, 2021.

Aquarela sobre papel artesanal [produzido pelas turmas da Patrícia Amante].

Dandara Manoela. (1992 -) É cantora e compositora. Sua pluralidade musical representa um símbolo de resistência das manifestações culturais afro-brasileiras e de afirmação da mulher negra e lésbica no campo artístico. Vencedora dos prêmios catarinenses de melhor cantora (2017) e melhor álbum (2018), Dandara Manoela transita pelo samba e pela MPB, trazendo à tona lutas e afetos subjetivos que encontram espaço na multidão. Seu trabalho está disponível nas plataformas digitais.

Bruno Barbi. (1978 -) Nascido em Toulouse/França, vive em Florianópolis desde 1980. É arquiteto de formação, dedica-se às artes visuais, procurando dar visibilidade à causa antirracista. Desde 2013, de forma independente, pinta rostos negros pelas ruas da cidade de Florianópolis/SC. (www.brunobarbi.com)

Pretas Yabás

DA BASE AO CENTRO percorremos um longo caminho

Palavra em voz, rajada é vento invadindo o destino

Atravessamos tantos mares, tempos, raio e guerras

Um oceano a céu aberto agita, temos pressa

Treme terra, placas deslocando as estruturas

pretas (pretas) Yabás mudaram as setas e as ruas

O sinal segue fechado, mas não vamos parar,

a direção virô de lado, é nós pra cá, é nós pra cá

Ocupando a cidade, reescrevendo a história, resgatando memórias, somos revolução

Das casas de família, da sua tirania, de toda covardia, pedimos demissão

É o ponto de chegada, é ponto de partida

Pretas Yabás ao centro, seremos ouvidas

Nós subimos no trono

Nós fazemos alarde

Somos raiz forte, florescendo a cidade

Treme terra, placas deslocando as estruturas

pretas (pretas) Yabás mudaram as setas e as ruas

O sinal segue fechado, mas não vamos parar,

a direção virô de lado, é nós pra cá, é nós pra cá

Hoje a terra vai tremer ☪



Marcha mulheres contra o fascismo.

Foto de Ingrid Marrese Lopes, Florianópolis-SC, 2022.

Ingrid Marrese Lopes. (1998 -) Nascida em São Paulo capital, é graduanda de Ciências Sociais na UFSC. É coordenadora estadual do Movimento de Mulheres Olga Benário, militante e filiada na Unidade Popular Pelo Socialismo (UP). Compõe a redação estadual do Jornal *A Verdade*, onde escreve e edita matérias para a versão digital e física do periódico. Possui, também, conhecimentos na área musical, o que torna seu vínculo com a poesia cada vez mais íntimo.

Mulher de luta

Mulher, tu não precisa lutar sozinha e ir até o fundo
Estamos pelo bom, pelo justo e pelo melhor do mundo
Nós acreditamos no socialismo, na potência da coletividade
Para superar qualquer adversidade

Olga Benário é exemplo, organizou mulheres até nos campos de concentração
E por que não continuarmos até mesmo sem ter ocupação?
Quando a Casa De Referência Antonieta De Barros foi despejada
O governo, como sempre, não pensou em cada mulher que foi assassinada

Negligenciando até as que hoje estão passando por violência
E ainda afirmam que para superar isso, basta ter resiliência
A social democracia nos ilude, dizendo que o sistema jurídico é suficiente
Mas nós sabemos que só querem a mulher para ser obediente

E obedecer a quem? Ao patriarcado e seu sistema capitalista?
Que todo dia nos mata e nos mutila?
Chega desse governo genocida! Devemos construir uma nova sociedade
E só nossa organização, enquanto movimento vai gerar essa equidade.

◀



Ocupação Marielle Franco.

Esta foto e as da página seguinte são de Mariana Pereira Oliveira, Florianópolis-SC, 2022.

Mariana Pereira Oliveira. (2000 -) *Nascida em Florianópolis, mas das descendências dos encontros. Estuda Geografia e as artes de se comunicar e de estar comunicando. Das dinâmicas do olhar acerca do todo, se insere no coletivo de estar, construir e lutar.*
Instagram: @doicma

No espaço sempre

EU PARO O TEMPO

No mesmo espaço e no mesmo tempo

Várias vezes

Em vários passos

De sempre

Como vi sempre

Como andei sempre

por ali

O mesmo de sempre

mas diferente

O porquê

Das mudanças de olhares

no tempo

Das mudanças de ciclos

no tempo

De ter estado presa

no tempo

Mas emancipada

no tempo

De movimentos

no espaço

De sensações

no espaço

De reflexões

no espaço

De percepções

no espaço

Enxerguei o tempo e espaço

Nas construções travejadas de trabalho e movimento

No que pode ser tombado e visto por muitos

Na luta pela permanência no centro

Na luta pelo permanência do centro

Para quem esteve no tempo e espaço de agora e depois α



Ocupação Anita Garibaldi.



Ocupação Marighella.



Ocupação Marighella.



Ocupação Marighella.



Colaboraram com ilustrações para esta edição:



Bruno Barbi. (1978 -)

Nascido em Toulouse/França, vive em Florianópolis desde 1980. É arquiteto de formação, dedica-se às artes visuais, procurando dar visibilidade à causa antirracista. Desde 2013, de forma independente, pinta rostos negros pelas ruas da cidade de Florianópolis/SC. www.brunobarbi.com



Cacinho. (1961 -)

Nascido em Barra do Pirai/RJ, Acacio Alves Pinto Junio - Cacinho - é chargista, cartunista, caricaturista, Ilustrador e produz animações digitais. Atua na revista digital do Coletivo PAVIO CURTO. Começou a carreira no Sindicato dos Metalúrgicos de Barra do Pirai/RJ, na década de 1980. Conta com mais de 20 curtas metragens e muitos prêmios em festivais de cinema e animação. Fundou, em sociedade com o chargista André Ribeiro, a revista digital DUAS BANDAS E UM CUJUNTINHO, uma homenagem à extinta revista BUNDAS do Ziraldo.

paviocurto21.blogspot.com | www.youtube.com/user/cacinho



Gildson Lima. (1995 -)

(Nascido em Mãe Luiza, comunidade situada em Natal/RN, CONCARINO (@carinhocon) começou no pixo aos 21 anos de idade e, desde então, concentra-se nessa segmentação de arte urbana. Seu trabalho tem como objetivo expor e gerar reflexões sobre questões e corpos sociais marginalizados. CONCARINO atualmente também atua com o projeto Raízes do Morro (Instagram@raizes_morro), um espaço dedicado ao cultivo, comercialização e cuidado de plantas e artigos paisagistas.



Jason de Lima e Silva. (1975 -)

Nascido em Florianópolis-SC, criado em São José da Terra Firme-SC. Professor de Filosofia do Centro de Ciências da Educação (UFSC). Ensaísta e ilustrador. www.instagram.com/jasondelimaesilva



Joana das Neves Calado . (1987 -)

Natural de Coimbra, Portugal, reside atualmente na Ilha de Santa Catarina. Professora de Sociologia, diverte-se, nas horas vagas, inventando garatujas e pintando poesias.



Buscando caminhos.

Foto de Cyntia Silva. Colômbia, 2018.



A proposta da Oficina da Palavra

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra, proporcionamos algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.

A Revista Texturas é uma publicação da Oficina da Palavra. Ex-alunos e convidados trazem a literatura em suas vidas e nos brindam com suas palavras e reflexões. Entre os textos, temos contos, crônicas, poesias, aforismos, fotografias, artes plásticas e outras imagens usadas como fios das vidas e das histórias que passam por ela.

Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação em diversos contextos: literário, acadêmico ou técnico; vestibular e concurso; mídia digital ou [simplesmente] para o prazer de escrever criativamente.

Contatos:

cynthia@ofpalavra.com.br

(48) 9 8481-0843

[Instagram@oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

www.ofpalavra.com.br





OFICINA
da Palavra 
PUBLICAÇÕES

WWW.OFPALAVRA.COM.BR